



# Caderno de textos 3

## **O Encontro Mais Importante do Século XXI: A Energia Vegetal da Biomassa com o Trabalhismo Nacionalista Brasileiro**

Gilberto Felisberto Vasconcellos

## **Geopolítica da Energia e Biomassa**

J. W. Bautista Vidal

## **Autodesenvolvimento e Biomassa**

Marcello Guimarães

## **Biomassa**

J. W. Bautista Vidal

[www.pdt.org.br](http://www.pdt.org.br)



**Projeto  
Brasil  
Trabalhista**



**Projeto**  
**B**rasil  
Trabalhista

Partido Democrático Trabalhista – PDT  
Fundação Leonel Brizola – Alberto Pasqualini (FLB-AP)

**Executiva Nacional do PDT**

Leonel Brizola *in memoriam*

Presidente: Carlos Lupi (RJ)

Vice-presidentes: Jackson Lago (MA) e Vieira da Cunha (RS)

Secretário-geral: Manoel Dias (SC)

Líder no Senado: Osmar Dias (PR)

Líder na Câmara: Severiano Alves (BA)

Tesoureiro: Manoel Dias (SC)

Consultor Jurídico: Geraldo Sampaio (AL)

Secretário de Relações Internacionais: Arnaldo Mourthé (RJ)

Secretário Geral Adjunto: Antonio Carlos Oliveira (PR)

Tesoureiro Adjunto: Marcelo Panela (RJ)

Secretário de Relações Internacionais Adjunto: Márcio Bins Ely (RS)

Vogais: Brizola Neto (RJ) e Edialela Nascimento (RJ)

**Vice-presidentes Regionais:**

Sul: Alceu Colares (RS)

Sudeste: Sérgio Vidigal (ES)

Centro-Oeste: Juvêncio Fonseca (MT)

Norte: Waldez Góes (AP)

Nordeste: Ronaldo Lessa (AL)

**Vice-presidente de Relações Institucionais:**

Dr. Hélio (Campinas – SP)

**Coordenador do Projeto Brasil Trabalhista:**

Arnaldo Mourthé

# Projeto Brasil Trabalhista

## Caderno de textos 3

Organizador: Arnaldo Mourthé

**O Encontro Mais Importante do Século XXI:  
A Energia Vegetal da Biomassa com  
o Trabalhismo Nacionalista Brasileiro**  
Gilberto Felisberto Vasconcellos

**Geopolítica da Energia e Biomassa**  
J. W. Bautista Vidal

**Autodesenvolvimento e Biomassa**  
Marcello Guimarães

**Biomassa**  
J. W. Bautista Vidal



Rio de Janeiro  
2005

Capa: *Fernando Barbosa*  
Diagramação: *Eduardo Santos*  
Revisão: *Jorge Maurílio Pinto*  
Transcrição: *Eduarda Zandron*

---

P276p Partido Democrático Trabalhista (Brasil)  
v.3 Projeto Brasil Trabalhista : caderno 3  
Partido Democrático Trabalhista, PDT. – Rio de Janeiro :  
Quartet, 2005

1. Partido Democrático Trabalhista (Brasil). 3. Brasil –  
Política e governo.  
I. Título.

CDD 324.281  
CDU 329(81)

---

**Partido Democrático Trabalhista – PDT**

Rua Sete de Setembro, 141 – 5º andar,  
Centro – Rio de Janeiro – RJ  
20050-002  
(21) 2221.0093 (21) 2232.5497 e 2252.9983 (fax)  
**[www.pdt.org.br](http://www.pdt.org.br)**

**Fundação Leonel Brizola – Alberto Pasqualini**

Rua do Teatro, 39 – 2º andar,  
Centro – Rio de Janeiro – RJ  
CEP 20050-190  
Fones (021) 2232-1016 e 0121  
**[secretar@pdt.org.br](mailto:secretar@pdt.org.br)**

# Sumário

<b>Apresentação .....</b>	<b>7</b>
<b>O Encontro Mais Importante do Século XXI: A Energia Vegetal da Biomassa com o Trabalhismo Nacionalista Brasileiro .....</b>	<b>15</b>
<b>Geopolítica da Energia e Biomassa .....</b>	<b>37</b>
<b>Autodesenvolvimento e Biomassa .....</b>	<b>59</b>
<b>Biomassa .....</b>	<b>81</b>





## **Apresentação**

Com os textos contidos neste caderno nós iniciamos uma ampla discussão sobre a questão energética, um dos temas mais importantes e atuais para o destino dos povos e das nações. Esses temas foram objeto de um grande seminário realizado no Rio de Janeiro, na Fundação Leonel Brizola – Alberto Pasqualini, entre os dias 25/02/2005 e 12/03/2005. Eles tratam da política energética no Brasil e no Mundo e especialmente no papel a ser desempenhado pela biomassa na matriz energética do futuro próximo. No próximo caderno sobre energia trataremos do petróleo e da energia elétrica, fornecendo um quadro bastante completo para nossa compreensão dessa questão crucial. Ela tornou-se o maior centro de atenção, de controvérsias e de disputas que envolvem interesses públicos e privados, e avança sobre as relações entre estados e civilizações, cujas conseqüências têm sido dolorosas, mesmo trágicas, como as guerras, o terrorismo e todo tipo de intervenções externas, sobretudo financeiras, num processo inédito de dominação das nações pelo mundo afora.

Mergulhamos assim, por via do conhecimento da energia e seu uso contemporâneo, no núcleo dos problemas e das crises que afetam a humanidade, incluindo o Brasil que, por força de seu potencial em energia limpa e renovável, será, e já está sendo, peça fundamental no xadrez da geopolítica mundial. Esse fato nos traz, ao mesmo tempo, um grande risco e uma grande oportunidade.

Os textos aqui expostos são para a maioria dos leitores grandes revelações, de fatos graves e dolorosos, mas também de esperança. São um convite para a participação de cada um de nós nesse grande empreendimento que é a reconstrução de uma civilização que já demonstra seu cansaço, seu desgaste e, quem sabe, seu esgotamento. Mas são também indicadores de um caminho para um Mundo Novo, onde será possível imaginar, e mesmo construir, uma sociedade próspera, mais justa e fraterna. Nessa sociedade, a paz ocupará os espaços da guerra, a conciliação a dos conflitos e a cooperação solidária o da competição atroz que tem levado milhões de pessoas

a frustrações e ao descrédito, à agressividade e ao sofrimento, na tentativa desesperada de realizarem missões quase impossíveis, mas obrigatórias nesse mundo artificial do desempenho extremo na busca do lucro pelo lucro. Descobriremos que não é abatendo um leão por dia que nos realizaremos e seremos felizes.

A energia é a essência da vida, como o trabalho é a essência da humanidade. Ela é o fundamento da matéria e dos movimentos do universo, ele a nossa sobrevivência e o construtor de toda riqueza humana. Sobre esses dois elementos e mais o conhecimento, que nos permite utilizar tanto a energia quanto o trabalho com propriedade e inteligência, construímos civilizações e promovemos nossa realização enquanto seres individuais e coletivos.

A humanidade tem pela frente três crises a curto e médio prazos que definirão o seu futuro. Se ela não se encontrar à altura de suas responsabilidades sua própria existência estará comprometida. A primeira crise provém da acumulação brutal de capitais, nas mãos de umas poucas famílias, que levará o mundo a uma crise financeira de tais proporções que deverá abalar a própria civilização. A segunda é ambiental, provocada pela poluição, principalmente pelo efeito-estufa provocado pelo excesso de CO<sub>2</sub> na atmosfera, que vem produzindo mudanças climáticas, ampliando os efeitos das catástrofes naturais, e que elevará o nível dos oceanos, pelo derretimento das calotas polares, inundando as áreas costeiras dos continentes, eliminando ilhas e ameaçando grandes quantidades de espécies de seres vivos, vegetais e animais. Essas duas crises têm tudo a ver com o uso inadequado da energia pelo homem, especialmente a segunda, pois é a queima exacerbada dos combustíveis fósseis a sua causa principal. A terceira crise também tem a ver com a energia, porque ela é a ruptura da matriz energética que domina hoje o mundo, pelo esgotamento das reservas de petróleo, o que acontecerá daqui a aproximadamente três décadas, mas que já causa grandes estragos pelas guerras pela hegemonia das nações sobre o petróleo e o domínio das áreas que produzirão a energia alternativa a ele, proveniente da biomassa.

Embora o Brasil não seja grande produtor de petróleo, nem disponha de grandes reservas, suficientes apenas para nosso consumo por

20 anos, ou seja, 23 bilhões de barris, ele tem o maior potencial produtivo de biomassa do planeta, que se une ao maior potencial de hidroeletricidade, e da água necessária à biomassa e à produção de alimentos, que são na verdade os maiores bens naturais do planeta. Assim sendo, ele é objeto de cobiça dos grandes grupos financeiros e das grandes nações, que se situam no hemisfério norte, são de clima frio e têm baixo potencial energético, enquanto são os maiores consumidores de energia.

Apesar de tudo isso a irresponsabilidade humana parece não ter limites. Em 1992, a Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, a Rio-92, parecia ser o despertar dos governos e de outras instituições mundiais para a necessidade de reverter o atual modelo de desenvolvimento predatório, sob pena de catástrofes ambientais e fortes ameaças à sobrevivência da raça humana. Os resultados são decepcionantes. O Protocolo de Quioto para o controle da poluição, através da redução da emissão de gases do efeito-estufa, só em 2004 conseguiu a adesão mínima necessária à sua aplicação, ainda sem a adesão do maior poluidor, os EUA. Enquanto isso, o consumo de combustíveis fósseis cresce e os resultados da poluição da atmosfera já se manifestam em modificações climáticas, com graves danos à saúde, à agricultura e à biodiversidade, e em outros fenômenos como furacões, maremotos e aumento da atividade vulcânica.

No lugar das providências esperadas, assistimos ao assalto do capital financeiro sobre os países em desenvolvimento, a ampliação de conflitos internacionais, as guerras pelo controle do petróleo, sob o manto do combate ao terrorismo, e o acirramento do preconceito e do fundamentalismo religioso. O modelo neoliberal da globalização mostrou-se discriminador e produtor de exclusão social.

Reuniões se multiplicam através do mundo para se encontrar caminhos para combater a fome e a pobreza, as desigualdades econômicas e no comércio mundial, para promover a democracia, a inclusão social e para defender o meio ambiente e a biodiversidade. Enquanto isso, todos esses problemas tornam-se mais graves. A desigualdade, o desemprego, a fome, as doenças endêmicas, crescem

e ainda surgem novas doenças que ameaçam transformar-se em pandemias, como a gripe das aves surgida na Ásia. A recomendação de fundos adicionais para o desenvolvimento está no discurso diplomático, mas a prática é a transferência de capitais dos países pobres para os ricos, onde sustentam o desperdício ou retornam à origem sob a forma de opressão.

Há um descompasso na geopolítica mundial entre as necessidades da humanidade e as políticas praticadas pelos países. Se o meio ambiente está se degradando é porque a formatação da nossa sociedade, baseado no combustível fóssil e no consumismo, está produzindo essa degradação. Se a humanidade corre riscos é porque ela não é o centro de interesse da estratégia política das grandes nações. Há que repensar a sociedade e suas relações. Se o estilo de vida dos países mais capitalizados não pode ser estendido a todos os outros é porque ele não serve à humanidade.

Ao contrário de buscar-se uma solução para a nossa sociedade, a ação desses países promove a padronização do mundo que, além de dismantelar a produção nacional dos países pobres em proveito das tecnologias mais modernas, atinge a cultura dos povos e suas crenças. Um contra-senso que tem provocado a exclusão social e todas as mazelas que afligem a humanidade. A necessidade de repensar a sociedade não é aceita por aqueles que dominam o mundo, através do capital financeiro, da informação e do poderio militar. É por isso que os esforços para encontrar soluções para os problemas da humanidade, ambientais ou não, têm fracassado em todos os níveis institucionais e nos mais variados fóruns de discussão.

Em face disso, as soluções dos problemas comuns da humanidade têm que vir dos países periféricos, apesar de exigirem grande mobilização de recursos humanos e concentrado esforço intelectual. Por possuírem as condições objetivas necessárias para encontrar as respostas a essas questões, os países com certo grau de desenvolvimento têm, para isso, maior responsabilidade. À América Latina, e em particular ao Brasil, cabe um papel primordial nesse particular.

A primeira questão a considerar é o próprio conceito de desenvolvimento. A visão de desenvolvimento que nossa experiência

histórica nos ensinou tem a ver com a condição humana. É essencial o acesso ao trabalho, ao conhecimento e aos bens culturais e materiais, necessários à realização humana. Visto dessa forma, o modelo neoliberal não tem qualquer possibilidade de ser considerado de desenvolvimento. Seu resultado é a regressão histórica em todos os países onde é aplicado. Também não é solução a cópia do estilo de vida americano. Ele produz alienação cultural, tem um alto custo em energia e seu padrão de consumo exige contribuição externa sem contrapartida, que gera desemprego e miséria em outros países. Os modelos que não podem ser para todos, que não podem reproduzir-se, como são os das metrópoles capitalistas, devem ser desprezados.

Para ser sustentável, o modelo de desenvolvimento precisa contar com energia renovável, não poluente, ou com um mecanismo compensatório para seus efeitos nocivos, como o aprisionamento do carbono emitido pela queima dos combustíveis fósseis, e a eliminação de outros gases ou resíduos que possam produzir o desequilíbrio da biosfera terrestre. O Protocolo de Quioto é o primeiro grande esforço mundial nesse sentido, mas não avança. A primeira questão a ser considerada é a substituição dos combustíveis fósseis, em particular do petróleo, que se esgota em um prazo em torno de 30 anos. O retorno à era do carvão mineral é impensável, pelos danos ambientais que terão conseqüências desastrosas, segundo estudos mais recentes. A fissão nuclear já está sendo abandonada por muitos países pela impossibilidade de controle de seus graves riscos.

A biomassa é a única solução energética conhecida para essa nova era de desenvolvimento da humanidade. O álcool é substituto da gasolina de eficácia comprovada. O óleo vegetal combustível substitui o diesel. A floresta energética é uma fonte de energia considerável, um instrumento poderoso de captação do CO<sub>2</sub> da atmosfera e de seu equilíbrio, na equação de compensação da queima que o liberta pelo crescimento da vegetação que o aprisiona. Ela contribuirá para o retorno ao equilíbrio natural desse gás na atmosfera, equilíbrio esse que durou milhões de anos. A biomassa é uma dádiva da natureza sustentada pela energia solar que mantém o clima e

produz a fotossíntese, transformando a energia da luz em matéria orgânica combustível. O sol também nos oferece a luz e o calor que geram e mantêm a vida na Terra, a hidroeletricidade e a energia eólica. Ele é a fonte de energia primordial, que precisa ser explorada mais racionalmente em futuro próximo.

Além de ser a região da Terra mais favorável para a produção de biomassa, a América do Sul tem todas as condições para sua exploração, grandes áreas com clima tropical úmido, terras disponíveis, mão-de-obra abundante e em grande parte desocupada. A produção de biomassa oferece tal quantidade de empregos que tornaria o desemprego, um dos nossos maiores problemas, residual, valorizando a mão-de-obra no seu conjunto, resolvendo outro grande problema, o da má distribuição de renda. Além disso, por suas características de produção descentralizada é um instrumento de democratização do capital. Visto por esse ângulo, podemos compreender que a grande crise que afeta a economia e a sociedade mundial tem solução a partir de uma nova ordem mundial, fundada sobre a energia renovável e a autodeterminação dos povos.

A substituição dos combustíveis fósseis determinará mudanças de tecnologia e de padrões de consumo, e deslocamentos de centros de produção, que produzirão uma revolução geopolítica. Será algo jamais visto na história da humanidade. Na queda-de-braço que o mundo vive hoje, e no domínio que o capital financeiro exerce sobre a produção capitalista mundial e sobre os governos e instituições internacionais, há de se prever conflitos tremendos para a mudança na base energética da vida em sociedade na Terra. Daremos um salto fenomenal para outra civilização. Esse é o ponto essencial no enfoque do desenvolvimento sustentável, ou, como expressa um de nossos palestrantes, o geólogo Marcello Guimarães, do autodesenvolvimento, que ele conceitua e defende no seu texto.

Não há por que os países denominados “em desenvolvimento” esperarem pelos “desenvolvidos”, para equacionarem o problema da energia. A solução destes para a crise energética mundial tem sido o cartel, com sua manipulação de preços, e a guerra para o controle das áreas de reserva e de produção de petróleo. Sua política

neoliberal de redução do Estado, sobretudo nos países em desenvolvimento, transfere para suas empresas as iniciativas estratégicas em matéria de investimentos, retirando desses países o direito de construir seu próprio futuro. Seu objetivo se resume no domínio de mercados e na maior lucratividade possível de seus investimentos.

Nossos países, hoje simples objetos, precisam estabelecer sua estratégia de desenvolvimento, buscando o atendimento das nossas necessidades enquanto pessoas e enquanto nação, ou seja, ser sujeitos da história. O objetivo primeiro deve ser a definição de uma nova matriz energética, que seja sustentável e atenda nossas necessidades e que possa atender também a necessidades externas, a serem supridas nas relações comerciais entre países soberanos. Aqui se evidencia uma outra questão fundamental, a soberania. Sem ela não nos caberá nenhum papel no futuro, nem na solução dos nossos problemas e, muito menos, na cooperação para a solução dos problemas da humanidade. Essa é uma questão fundamental, sobre a qual não se pode transigir.

O Brasil e os países latino-americanos, numa cooperação soberana, devem fazer um grande esforço para construir essa nova ordem, para a qual são imprescindíveis e têm um papel primordial. Nossas reservas de petróleo e gás, que são vitais para países como a Venezuela, o México, o Equador, a Argentina, o Brasil e a Bolívia, devem ser consideradas como nosso grande trunfo, como fonte energética de uso próprio e nosso capital para financiarmos a transição da atual matriz energética, com predomínio dos combustíveis fósseis, para a nova matriz com predomínio da biomassa. Infelizmente o México já perdeu grande parte de suas reservas por compromissos com os EUA, através do NAFTA. Apesar desse desvio, o caminho da independência dos povos latino-americanos e de seu desenvolvimento autônomo e permanente é a solução. Seremos os precursores da maior revolução universal, abrindo caminho a uma nova civilização, e contribuiremos decisivamente para a solução da crise energética mundial e, em conseqüência, para a paz e a concórdia entre os povos.

A integração latino-americana é o melhor caminho para alcançarmos nossos objetivos. Se os obstáculos forem insuperáveis no

prazo necessário, não devemos abrir mão dessa integração para a América do Sul. Dela renascerá um projeto comum dos sul-americanos de uma nova libertação e da construção de uma sociedade mais justa e solidária. Esta será a matriz de uma nova civilização movida por uma nova matriz energética, tendo a biomassa como sua principal fonte, e fundada sobre a fraternidade e a solidariedade. O sol e a natureza estão a nosso favor. A nossa gente, generosa, forte e trabalhadora, será a grande construtora dessa nova civilização.

Rio, 07 de outubro de 2005



# **O Encontro Mais Importante do Século XXI:**

## **A Energia Vegetal da Biomassa com o Trabalhismo Nacionalista Brasileiro**

Gilberto Felisberto Vasconcellos

O que é energia? O que significa energia da biomassa? O que isso tem a ver com o trópico? E com a política do trabalho e a soberania nacional? Afinal o PDT assumirá o trópico? Assumirá a energia da biomassa como projeto nacional popular? Eu gosto muito desta frase de Luís da Câmara Cascudo, nosso maior folclorista: “o trabalho é meio de vida, e não meio de morte”.

Nascido com a Revolução de 30, mas que remonta aos tempos de José Bonifácio de Andrada e Silva (pugnando pela reforma agrária sem indenização aos latifundiários) e quiçá ao poeta barroco Gregório de Matos no século XVII, o trabalhismo nacionalista é uma doutrina que valoriza o trabalho junto com a soberania nacional. O seu maior expoente na cultura política brasileira é Leonel Brizola, ao lado de Getúlio Vargas, João Goulart e Darcy Ribeiro, sem deixar de incluir o cineasta Glauber Rocha, autor da seguinte formulação: “o nacionalismo é a raiz do futuro”. O contrário do que dizia depois da Segunda Guerra Mundial, Eugênio Gudín, o guru de Roberto Campos e de todos os entreguistas: “O maior flagelo do Brasil, depois da inflação, é o nacionalismo.”

O trabalhismo nacionalista é uma doutrina dinâmica, cuja diretriz essencial se faz pela história. A história do homem é a história do seu trabalho. Hoje a atualização do nacionalismo trabalhista passa necessariamente pela incorporação da energia vegetal da biomassa como projeto popular e nacional. Para compreender a profundidade e abrangência desse projeto, é necessário antes dizer alguma

coisa sobre a função da energia na sociedade. O que movimenta o mundo é a energia, sem a qual não há vida humana, não há trabalho, não há nada, é o nada. Mas não é o homem quem cria a energia. Não é ele quem a inventa. A energia existe na natureza ou não existe. O homem só faz utilizá-la e transformá-la. A energia é o pré-requisito à existência do trabalho. A energia é a capacidade de produzir trabalho, portanto a política do trabalho é a política da energia. Se a política é o poder, então energia significa poder. Daí decorre este axioma: um partido político do trabalho sem uma concepção energética é um contra-senso, dir-se-ia: um absurdo. Ora, no Brasil o partido político que esteve mais preocupado com a questão energética foi o PTB, o Partido Trabalhista Brasileiro de Getúlio Vargas, seguido em 1979 da fundação do PDT, sob a liderança de Leonel Brizola.

### **História da Energia**

A primeira energia de que se utilizou o homem foi a lenha, a madeira, cujo potencial de utilização é maior do que o vento e a água. Convém lembrar que foi o vento que impulsionou o português aos mares nunca dantes navegados e à descoberta do Brasil no século XVI. A madeira como forma de energia dispersa foi utilizada até mais ou menos 1800, data a partir da qual houve a utilização do carvão mineral junto com a invenção tecnológica da máquina a vapor. Essa simbiose da energia fóssil com a tecnologia da máquina gerou a revolução industrial na Inglaterra, país situado no hemisfério norte que dominou o mundo com siderurgia, ferro, navio, ferrovia, poderio militar. A cidade industrial é fruto da mina de carvão mineral revolucionada pela máquina a vapor.

O capitalismo industrial analisado por Karl Marx é: o burguês dono da mina de carvão e dos meios tecnológicos de produção, enquanto o operário é a força de trabalho explorada que faz essa engrenagem funcionar para produzir mercadoria e lucro. Não há dúvida que foi essa contingência geológica, a concentração energética do carvão mineral na Inglaterra, que deu ao capitalismo inglês o poder mundial até 1870, data a partir da qual o carvão mi-

neral será substituído pelo petróleo e o motor de explosão nos Estados Unidos, país que passa então a exercer o poder mundial. Com esses dois exemplos se percebe claramente que o desenvolvimento econômico requer, como condição necessária, a existência de combustível abundante, no caso de ambos, Inglaterra e EUA, combustíveis fósseis.

É impossível entender a economia sem o papel do combustível. Há quem diga que o escocês James Watt, ao inventar a máquina a vapor, aboliu a escravidão. O colonialismo inglês é carvão mineral, o petróleo é imperialismo norte-americano. Conceituado por Lênin em 1900, o imperialismo significa a etapa monopolista do capitalismo, por conseguinte está baseado no combustível petróleo. John Rockefeller em 1870 fundou a companhia petrolífera Standard Oil Company of Ohio que, no Brasil de 1954, será responsável pelo suicídio de Getúlio Vargas no Palácio do Catete. A trama do monopólio imperialista continua com os seus reflexos na cultura: em 1913 é lançada a Rockefeller Foundation que, junto com a Ford Foundation, iriam cacifar em 1969 o instituto de pesquisa de FHC em São Paulo, o Cebrap, de onde vem a palavra de ordem do futuro presidente: enterrar a era Vargas com as privatizações internacionais. Por aí se verifica a continuidade da história: hoje o liberalismo safado do PSDB, o partido que defende os interesses das multinacionais e o Brasil, tem os seus antecedentes ideológicos no padrinho Rockefeller, que é a versão legalizada de Al Capone, como diria nosso Oswald de Andrade.

Em qualquer lance político de relevância defrontamo-nos com a questão energética, velada ou às escâncaras. Desde a metade da década de 50 a Petrobras está no cerne da história do Brasil. Não é por acaso que aparece citada com destaque na Carta Testamento de Getúlio Vargas, o mais comóvente documento antiimperialista da nossa história. Em 1955 Gondin da Fonseca escreveu um livro extraordinário *O que você sabe sobre o petróleo?*, no qual informa que “jamais John Rockefeller possuiu um poço aberto por ele. Jamais. O que lhe interessa a fundo, a sério, de modo vital, é a posse das refinarias e dos meios de distribuição dos produtos petrolíferos”.

O que ele estava a fim era de ficar dono da refinação de todo o petróleo do mundo. A Standard Oil montou a balela que não havia petróleo no Brasil, depois foi contra o monopólio estatal do petróleo e o petróleo é nosso, a batalha do nacionalismo brasileiro.

Financiada pela Standard Oil e pela Shell, a grande imprensa não queria o monopólio estatal do petróleo. *Repórter Esso*. Assis Chateaubriand. A imprensa vendida e entreguista. Vale a pena citar as palavras proféticas de Gondin da Fonseca: “Apesar de existir a Petrobras, de existir uma lei que veda a participação de capitais estrangeiros na exploração do petróleo, de existir uma opinião consciente a favor do monopólio estatal – apesar disso tudo, a Standard Oil não desanimou, nem desanimará de planejar a conquista do Brasil.” Dito e feito. Cinquenta anos depois o governo FHC fará de tudo para vender a Petrobras com o apoio da mídia nacional e internacional. Os jornais estrangeiros em agosto de 1954 aplaudiram o suicídio de Vargas. Que bom que ele não esteja mais aí. Foi isso o que disseram as manchetes do *Wall Street Journal*, *New York Times* e *Financial Times*. São esses mesmos jornais que elogiam Dutra, Café Filho, Castelo Branco, Sarney, Collor, FHC e Lula. A escola da biomassa está coberta de razão quando afirma que de olho na Petrobras é possível entender todas as manobras e sutilezas da história do Brasil. Do suicídio de Getúlio Vargas ao uísque importado do jornalista Paulo Francis seduzido pelo charme cheio de dólar do embaixador Roberto Campos.

Devoto e apaixonado pelo nacionalismo brasileiro, getuliano convicto, biógrafo de Santos Dumont e de José Bonifácio de Andrada e Silva, o escritor Gondin da Fonseca, injustamente esquecido nas universidades, é um dos raros intelectuais que atentaram para a importância da determinação energética nos rumos da sociedade. Se não tivesse morrido nos finais dos anos 60, certamente iria se entusiasmar com o programa do Proálcool e a perspectiva da soberania nacional com a biomassa, a qual poderia realizar a reforma agrária com combustível barato e abundante. Obviamente Gondin da Fonseca associava a reforma agrária à Petrobras, dando força total para uma petroquímica nacional; hoje concordaria, no entanto,

que a Petrobras como empresa de energia devesse se transformar, segundo a proposta científica de J.W. Bautista Vidal, em Biomassa-brás, ajudando a ocupação do nosso território com trabalhador brasileiro para não mais existir sem-terra. Produzindo simultaneamente álcool-combustível e cachaça em pequenos hectares de terra, as microdestilarias mentalizadas por Marcello Guimarães constituem a prova de que a energia da biomassa não requer a existência de latifúndio, desfazendo a falsa identificação de origem colonial da cana-de-açúcar com escravatura e servilismo. Destarte, a cana-de-açúcar produzindo álcool-combustível oferecerá necessariamente a energia vegetal do socialismo. Se o petróleo agoniza em seus derradeiros estertores, se a usina nuclear não é a alternativa para substituí-lo, é lógico então que a biomassa verde é a energia que presidirá a edificação do socialismo. Daí procede a inversão: invés de socialismo originário do frio ou da neve, o socialismo que vem do calor e da luz dos trópicos. É bom lembrar a gaseificação do carvão mineral na Rússia. O socialismo concebido por Lênin estava baseado na hulha. O socialismo da energia fóssil. Karl Marx queria escrever a história crítica da tecnologia; atualmente ainda é preciso fazê-la, só que em íntima conexão com a história da energia.

Hoje a teoria crítica da tecnologia feita por Álvaro Vieira Pinto adverte que a energia e a tecnologia que movem as máquinas exigem a substituição das relações sociais.

Sem dúvida alguma o brasileiro Gondin da Fonseca é um dos precursores dessa empreitada anunciando o futuro Instituto do Sol em Brasília, onde se aglutina o pensamento da escola da biomassa. Prefaciando o livro *Vendaval da liberdade* (1967), de Edmar Morel, o mesmo iluminado autor que escrevera sobre 64 *O golpe começou em Washington*, assinala Gondin da Fonseca: “Em 1753, Abraham Darby, cozinhando certa quantidade de carvão betuminoso num recinto fechado, obteve, pela primeira vez no mundo, coque siderúrgico. Possuindo abundância de carvão e dispondo de abundância de ferro (pois seus navios facilmente o importavam de outros países) a Inglaterra passou, dentro de breves anos, a produzir abundância de gusa. A abundância de ferro possibilitou a abundância de

máquina. Após as bombas de Savary e Newcomen veio a de James Watt, que faleceu em 1819, deixando a máquina a vapor mais ou menos como a conhecemos em nossos dias. Os fornos dos metalúrgicos foram crescendo, tornando-se cada vez maiores, até que chegaram aos altos-fornos atuais. Depois de Watt, o grande revolucionário da metalurgia chamou-se Henry Bessemer. Ele inventou, em 1856, o Bessemer *converter*, que possibilitou a fabricação do aço fundido, fazendo atravessar diretamente por uma corrente de ar frio a massa do gusa líquido corrido do forno alto. Houve então o surto espetacular das estradas-de-ferro no mundo inteiro e o aparecimento de máquinas para tudo: imprimir livros, descaroçar algodão, fiar, tecer, costurar, fabricar tijolos, arados, navios a hélice.” Bela síntese essa, fornecida por Gondin da Fonseca, apenas acrescentando-se o petróleo descoberto na Pensilvânia, EUA, cujo recurso energético trouxe a tecnologia do motor de explosão. Pobre de floresta, a Inglaterra teve no entanto a sorte de dispor em seu território do coque de combustível, o que ensejou a produção de ferro e as máquinas, alterando as relações de produção. Foi por isso que Napoleão não conseguiu vencer a Inglaterra. Do carvão mineral ao petróleo a transição é feita dentro de uma mesma esfera fóssil, ou seja, dentro do universo químico do hidrocarboneto. A industrialização do carvão mineral, com a sua tecnologia (inclusive bélica) é que permitiu o domínio das reservas de petróleo de países desprovidos de poder militar. É no âmbito do combustível fóssil que a história do colonialismo moderno (e do imperialismo) deve ser contada, com todas as suas guerras e pilhagens. No parlamento inglês, onde só tem cobra criada, se dizia: “quem dispuser de petróleo regerá o mundo”. Isso no passado. E agora com o fim da civilização do petróleo? E quem dispuser da biomassa? E quem tiver o controle do território dos trópicos?

Lamentável para nós é o esquecimento do nacionalista Gondin da Fonseca, o qual merecia ser elogiado por equacionar tão bem o significado político da energia: “Nada é nosso além da enxada, das endemias, da miséria e da paisagem. O imperialismo fenômeno do século XX asfixia o Brasil.” O fio da história, como dizia Leonel

Brizola, mostra que Getúlio Vargas continuou o ensaio de libertação nacional iniciado em Guararapes. A “efetiva liberdade reside na posse das fontes de energia”, lembra Gondin da Fonseca. Em 1938, durante o Estado Novo, que aliás preservou as riquezas minerais do país, é fundado o Conselho Nacional do Petróleo e entregue a um militar patriota: Júlio Caetano Horta Barbosa. A Petrobras tornou-se sinônimo de Brasil. Foi a Standard Oil norte-americana, cacifando Carlos Lacerda, Juarez Távora, Eduardo Gomes, que levou Vargas a cometer o suicídio. A causa da crise de 1954 foi a criação da Petrobras. A direita entreguista não o perdoou por não ter concedido a outrem a exploração das fontes de energia do Brasil. Quem domina a energia de um país domina o país. Essa era a lição corretíssima ministrada por Gondin da Fonseca em seu livro *Senhor Deus dos desgraçados*, de 1958. “Note-se que a Bond and Share nem sempre produz eletricidade, compra-a de empresas estatais.” Um ano depois, em 1959, Rio Grande do Sul, o governador Leonel Brizola iria encampar essa multinacional da energia que obstaculizava o desenvolvimento da região gaúcha. O que sobressai no ideário trabalhista de Vargas a Brizola é o repúdio ao capital estrangeiro aplicado às fontes de energia. Seja petróleo, eletricidade, átomo ou biomassa.

### **O Petróleo do Passado e a Biomassa do Futuro Para Sempre**

Energeticamente o Brasil foi durante quatro séculos movido pelo boi e pelo trabalho escravo. O combustível do engenho de açúcar era a lenha. O engenho movido pela força hidráulica. A água acumulada no açude ou barragem. Havia o engenho de açúcar movido à roda-d’água e o trapiche de tração animal. Pequenas quedas-d’água. Engenhocas. Almanjarras. Engenhos acionados a vapor. Da lavoura canavieira provinham açúcar, mel, rapadura e cachaça. Depois vieram as usinas de açúcar com as suas moendas eletrificadas. A criação da Petrobras no século XX configurou o cenário do Brasil industrial. E no mundo inteiro o petróleo foi saudado como o “ouro negro”, um combustível superior ao carvão mineral. O petróleo é a

petroquímica, a indústria e a agricultura. Usou-se e abusou-se do petróleo nestes últimos 100 anos, sobretudo os países situados no hemisfério norte, nas zonas frias e temperadas. Embora fóssil e finito, o petróleo parecia que nunca iria se acabar. Não havia a menor suspeita acerca de sua finitude. O que vingava era ilusão de sua eternidade, como se fosse o último combustível do mundo, mas eis que na metade da década de 70 sobreveio o sinal de alerta com o embargo do petróleo feito pelos países árabes. De repente ficou escancarado que esse combustível está em seu ocaso, embora a mídia, tanto aqui quanto alhures, relute obstinadamente em divulgar a magnitude dessa crise energética e suas implicações civilizatórias. Basta aludir ao seguinte dado estarrecedor: a agricultura do mundo inteiro utiliza o adubo químico feito de petróleo, de modo que, este faltando, haverá uma onda de fome de dimensão apocalíptica em escala planetária. Com o esgotamento do petróleo, não é somente a cidade que vai parar, pois o campo também entrará em pânico.

Toda a civilização industrial depende do petróleo para o seu funcionamento. Os países situados no hemisfério norte, os chamados países desenvolvidos estão apavorados com a perspectiva do esgotamento do petróleo, porque são os que mais usam essa forma fóssil de energia, e que no passado tiveram imensas reservas de carvão mineral e petróleo. Mas agora a importância geológica das zonas temperadas e frias cede o seu lugar para a importância do trópico por causa da incidência solar e da abundância da água doce. E nessa geografia tropical sobressai a energia vegetal da biomassa que irá inexoravelmente substituir o petróleo agônico. Vejamos a conceituação dada por Marcello Guimarães, um dos cientistas representativos da escola da biomassa e membro integrante do Instituto do Sol, cujo objetivo é formular um projeto nacional energético e tecnológico de “autodesenvolvimento”. Curiosamente dessa mesma expressão se valeu Leonel Brizola numa conferência da década de 60, realizada em Porto Alegre, para denunciar o processo espoliativo internacional a que estamos submetidos. Eis a definição de Marcello Guimarães: “Chamamos de biomassa energética todo produto resultante da fotossíntese com viabilidade para ser usado como energia.



A mais conhecida biomassa energética é a floresta. Biomassa florestal. Dela obtemos combustíveis sólidos: lenha e carvão vegetal; combustíveis gasosos: madeira ou carvão gaseificado; combustíveis líquidos: metanol e alcatrão. A biomassa agrícola de maior importância é a cana-de-açúcar na produção do álcool combustível. Além da cana, os países tropicais possuem várias outras opções para a produção de combustíveis, como a mandioca, o dendê e várias outras gramíneas de rápido crescimento.” Essa definição é cristalina e abrangente: não há absolutamente nada feito ou movido por petróleo que a biomassa não faça. A produção de energia carburante utilizando-se bens agrícolas, além da tradicional cana-de-açúcar, conta com a mandioca, a rainha do Brasil, cujo amido é composto de carboidrato, carbono, oxigênio e hidrogênio, o que nos mostra que não estamos vocacionados à química do hidrocarboneto fóssil, e sim ao hidrato de carbono da biomassa. Do amido da mandioca se produz álcool tanto quanto a sacarose da cana-de-açúcar, talvez até em melhores condições sociais e econômicas, como dizia o químico e professor do Paraná, Leo Rocha Lima, entusiasta de uma universidade da mandioca, essa prodigiosa planta nascida na Amazônia e que pode ser plantada em terras impróprias à cana-de-açúcar. No século XVI a plebéia mandioca era cultivada nos roçadinhos, ou como escreveu José Alípio Goulart: “A mandioca é que de tão humilde ou de tão sem vergonha, deitava raízes dentro dos canaviais.”

Os senhores de engenho só estavam interessados na cana em sua economia de exportação. Desde 1975, quando dirigida por J. W. Bautista Vidal, a Secretaria de Tecnologia e Indústria batalhou pelo uso do álcool derivado da mandioca com óleos vegetais. Isso revela quão difícil tem sido a implantação de uma política energética pró-biomassa, que hoje deveria ser a bandeira principal do trabalho nacionalista. Tendo a vantagem de não poluir a natureza, que é uma vantagem ecológica considerável, pois a biosfera encontra-se comprometida pelo uso de carvão mineral e de petróleo. Outra vantagem da biomassa energética, aliás de valor incomensurável: trata-se de uma energia renovável, que não desaparece nunca, que não é perecível, pois planta, extrai, replanta, extrai, e por aí infinitamente, ao

contrário dos fósseis carvão mineral e petróleo: cava, cava, cava e esgota-se, não há mais o que tirar do subsolo. Ainda outra vantagem, esta de evidentes implicações sociológicas: a biomassa pode ser produzida em toda a extensão do território. Ela é dispersa, e não localizada, não é concentrada como a mina de carvão mineral ou o poço de petróleo. Em qualquer região do Brasil pode ser plantada a cana-de-açúcar ou a mandioca. Outra vantagem do trópico com muito sol, muita chuva e muita luz: as plantas e as árvores têm crescimento rápido. Dir-se-ia então que a produção da biomassa é intrinsecamente descentralizada e democratizante, exigindo a ocupação total do território, numa direção contrária à concentração geográfica que deu nas metrópoles e megalópoles urbanas, repletas de miseráveis e acometidas pela violência.

Nosso recurso estratégico e abundante é essa energia vegetal que favorece a produção de alimento (inclusive o melão servindo de ração para os animais), assim como propicia uma invenção tecnológica feita endogenamente, tal qual aconteceu com o Proálcool na década de 70; mas tais vantagens indiscutíveis não bastam se não receberem uma orientação social e política de conteúdo nacional e popular. Ao se falar em mudança de matriz energética, o que aí se pressupõe é a transição da petroquímica para a biomassaquímica, ou seja, todos os combustíveis provenientes da biomassa com os óleos vegetais. E tudo isso não se faz sem o poder político, sem as classes sociais, sem o Estado, sem a mobilização ideológica. Quer se trate de energia fóssil ou de origem vegetal, não existe determinismo energético. Um país pode ser rico em petróleo, mas socialmente miserável. A Inglaterra, desprovida de petróleo, foi roubá-lo nas terras dos outros. Por conseguinte não basta a existência de recurso natural estratégico, pois este pode ser apropriado por outrem devido à dominação econômica ou ao poderio militar, o que, aliás, tem sempre acontecido em nossa história colonial com os metais preciosos e as matérias primas, tanto que o alvo da doutrina trabalhista nacionalista de Getúlio Vargas a Leonel Brizola é o de estancar esse mecanismo espoliativo internacional. Nós exportamos alimentos para importar petróleo e carvão mineral.

Hoje o colonialismo opera com a presença aqui dentro das empresas multinacionais, cujos funcionários ocupam altas funções nos governos, servindo menos ao Brasil do que às corporações que os empregam. As multinacionais, principalmente depois de 1964, são o núcleo das classes dominantes, as quais não estão interessadas na emancipação nacional do país. Hoje esse domínio das multinacionais na sociedade brasileira é exercido num momento particular do imperialismo, ou seja, na fase terminal do petróleo, com uma crise energética jamais ocorrida na história do capitalismo. O que então se verifica é uma alteração no relacionamento das nações dominantes com as nações dominadas. À exploração de matérias-primas e metais preciosos acrescenta-se a necessidade delas se apossarem do território físico para produzirem e extraírem daqui a energia que lhes falta, e sem a qual o seu desenvolvimento estará comprometido.

A fome é péssima conselheira, dizia Oliveira Martins, o maior historiador português citado aqui para acentuar ainda mais a alienação nacional quanto ao absurdo de não se aproveitar a energia da biomassa em prol do povo e do país. É que a voz da razão científica não faz a classe dirigente mover uma palha, como se devêssemos infelizmente esperar o terrível acicate da penúria petrolífera para sacudir nosso esqueleto. O que ficou evidenciado nas últimas guerras no Oriente Médio foi o interesse dos EUA nas reservas de petróleo à margem do Mar Cáspio, e a suspeita de que os atentados de 11 de setembro estavam previstos.

Intrigante constatar que o argumento de que o petróleo está acabando no mundo inteiro não nos apavora nem nos comove. Levamos isso na esportiva. Não estamos nem aí. Quedamos no maior sossego. O futuro a Deus pertence. E o futuro é agora: a biomassa. Todavia uma pergunta torna-se impreterível, principalmente depois do golpe da CIA contra Chávez, sabendo que a Venezuela sempre forneceu petróleo aos Estados Unidos, sendo a maior reserva petrolífera fora do Oriente Médio – a pergunta é esta: os Estados Unidos estão empenhados em dificultar a adoção da energia da biomassa por parte do Brasil? Os interesses dos Estados Unidos

são contrários a que o Brasil explore a energia da biomassa que é abundante nos trópicos? Os Estados Unidos querem que o Brasil fique atrelado à civilização do petróleo e não dê o salto à exploração da energia vegetal da biomassa? Quais as medidas concretas tomadas pelos Estados Unidos contra a utilização da biomassa pelo Brasil? Se não há constrangimento norte-americano a um modelo energético da biomassa que poderia ser materializado pelo Brasil, então qual é efetivamente o motivo de o governo brasileiro não acordar para essa potencialidade energética do nosso território? Essas perguntas difíceis de serem respondidas não deixam de canalizar nossa atenção histórica para a fiscalidade dos Estados Unidos, país privilegiado do ponto de vista do combustível, que possui em abundância carvão mineral de boa qualidade e petróleo – mas não tem condições de plantar cana-de-açúcar porque o seu território não faz parte dos trópicos.

Os Estados Unidos não têm uma natureza propícia à produção de energia vegetal, de onde possam extrair um combustível substitutivo ao fóssil. Daí a necessidade de buscar energia fora de seu território. Enganam-se os que pensam que a patota neurastênica do Bush está de olho apenas na importância estratégica (por causa dos jazidas de gás e petróleo) da Ásia Central e do Oriente Médio. É evidente que o combustível que move ainda a sociedade industrial é o petróleo, por isso os norte-americanos querem construir oleoduto e gasoduto no Afeganistão; todavia o que se descortina para o futuro próximo é a realidade pós-petróleo do mundo e sua inexorável substituição pela energia da biomassa concentrada na região tropical.

Os estudos sobre o imperialismo e a militarização da economia na etapa do capitalismo monopolista de Estado são negligentes em relação ao papel crucial da energia, embora durante a vigência da chamada Guerra Fria, numa civilização agressiva que fez da guerra o seu passatempo, com um soldado em cada família, a questão da escassez ou finitude do petróleo não se apresentava de maneira tão dramática quanto nos dias de hoje. A quase intervenção armada dos EUA em Cuba, que não aconteceu por um triz, o golpe de 64 no

Brasil, a ditadura na Argentina, a derrubada de Allende no Chile, não podem ser explicados pela cobiça norte-americana pelo petróleo, diante da escassez desse combustível. Todavia da metade dos anos 70 em diante o drama do esgotamento do petróleo inscreve-se como o núcleo da estratégia geopolítica do imperialismo, cuja capacidade de sobrevivência requer o que se divisa no horizonte da energia para além do combustível fóssil, mas que não é a etapa “termonuclear”, como chegou a acreditar Darcy Ribeiro com a sua notável e ambiciosa antropologia das civilizações.

Má-fé é acusar de biomassamania a abordagem geopolítica sobre o imperialismo empreendida pela escola da biomassa que sublinha o contexto do ocaso fóssil do processo civilizatório e a importância da emergência territorial dos trópicos. A mudança da matriz energética afetará a dinâmica do imperialismo: a geografia da biomassa é diferente da geografia do petróleo. Água potável, dimensão continental, terras agricultáveis, biodiversidade, enorme litoral – isso tudo significa a capacidade de produzir simultaneamente alimento e energia, portanto o Brasil situado nos trópicos terá um destino de grandeza para si e os brasileiros, ou senão irá desaparecer como nação junto com o genocídio ou a reescravização de seu povo mediante a exploração imperialista da biomassa. Latifúndio, escravidão, rapina colonial, domínio multinacional, sociedade com 50 milhões de subpobres e miseráveis, a história do Brasil nesta era dos combustíveis fósseis mostra que não conseguimos incorporar ao mercado a massa de sua população. É evidente que por si só, ou seja, pela existência de recursos naturais estratégicos – sol, terra e água – não temos garantia alguma que a energia da biomassa trará mais progresso ao povo, se a exploração econômica dessa energia for realizada sob o controle das grandes corporações multinacionais.

O que serão para o Brasil as perdas internacionais da energia da biomassa? Essa pergunta brizolista se impõe depois que FHC desmantelou o Estado com os seus leilões internacionais do patrimônio público, e o governo Lula não tomou nenhuma atitude para recuperá-lo. O espectro de Leonel Brizola continuará rondando por aí porque esbarramos a toda hora com a verdade por ele

anunciada durante décadas: é a espoliação internacional que impede o autodesenvolvimento da nossa economia. O progresso generalizado à massa da população não será conseguido se porventura o capital estrangeiro comandar a exploração econômica da energia da biomassa. A argúcia da análise histórica de Leonel Brizola sobressai por ter tomado como ponto de partida a questão do trabalho e do trabalhismo, assim como hoje é absolutamente imprescindível conceber a centralidade do trabalho na sociedade brasileira em função da energia da biomassa, com a qual o trabalhismo brizolista será atualizado à medida que fizer dessa energia a sua batalha econômica nacionalista contra a dominação externa, sem perder de mira que, segundo Leonel Brizola, a complexidade do Brasil depois de 64 se deve à atuação cada vez mais onímoda das corporações multinacionais promovida pelos tecnocratas dos governos militares. É preciso levar adiante a lucidez da interpretação brizolista da história do Brasil em função do ocaso mundial do petróleo e a estratégia do imperialismo para se apossar da energia da biomassa. O imperialismo norte-americano está de olho no trópico preparando um bote de maior envergadura do que o do Oriente Médio. O petróleo deste é finito, enquanto a energia da biomassa nos trópicos é eterna enquanto existir sol. O trabalhismo brizolista deve ficar atento, e denunciar a jogada do imperialismo neste período histórico em que a humanidade terá de se valer de outra fonte energética que substitua extensiva e intensivamente o petróleo. É por isso que devemos colocar no centro de nossas reflexões o que é a força motriz da história: a energia.

Os árabes do século VII ao XII dedicaram-se à destilação com os alambiques. Foi o ponto de partida da cultura do álcool. Foi na Alemanha, onde se encontram grandes reservas de carvão mineral, em 1894, que se realizaram os primeiros ensaios de utilização do álcool como combustível. No Brasil em 1927, Alagoas, havia o álcool USGA. A Revolução de 30 promulgou decreto em 1931 introduzindo a mistura de álcool em cinco por cento em toda gasolina. Não deveríamos nos esquecer que o Brasil foi o país da perfeita aclimação da cana-de-açúcar. Seria cometer um crasso erro de

avaliação estigmatizar de reacionários ou conservadores os autores que elogiam a cultura da cana-de-açúcar no Nordeste, como é o caso de um Luís da Câmara Cascudo, para quem a indústria açucareira, de todas as indústrias do mundo, foi a mais popular: é que a cana-de-açúcar é imediatamente utilizada, tal qual ela é plantada, ao contrário do café, do algodão, da carnaúba, que precisam antes passar por um processo para chegar à utilização. No caso do canavial basta a faca amolada segundo Luís da Câmara Cascudo: “Tendo faca amolada é fácil adquirir e usar a cana-de-açúcar. Por isso ela é mais popular e venceu o mel de abelha, em qualquer país do mundo”. O açúcar, e não o pau brasil, fixou a população à terra. A ocupação territorial se deu por causa da cana-de-açúcar. Culturalmente foi o canavial que transformou o escravo africano, sudanês e banto, em negro brasileiro. O primeiro sabor, segundo Luís da Câmara Cascudo, a cana-de-açúcar veio para o Brasil depois de 1500, portanto o índio não a conhecia. O engenho de açúcar deu o bumbameu-boi e o maracatu. Voltaremos neste século XXI evidentemente com outras bases sociais, ao canavial, à cana-de-açúcar, à sacarose de onde provém o álcool-combustível. O que foi, voltará. A primeira energia extraída da lenha, da madeira, do vegetal, a biomassa, será a última, depois de a humanidade ter percorrido as etapas fósseis do carvão de pedra e do petróleo. A última e para sempre.

O que está em vias de acontecer no relacionamento entre o hemisfério frio e temperado com as regiões intertropicais é uma espécie de acirramento hiperbólico do colonialismo na fase do ocaso dos combustíveis fósseis. É que neste século XXI, do ponto de vista energético, a periferia do capitalismo é o centro, principalmente se designarmos por periferia a região geográfica dos trópicos. A história do trabalhismo nacionalista, consoante os depoimentos de Getúlio, Jango, Darcy e Brizola, é a denúncia da rapinagem colonial e imperialista, a qual é realizada pela superexploração do trabalho e pela drenagem das matérias-primas e dos recursos naturais, de modo que com o processo espoliativo nacional contribuimos à prosperidade das nações hegemônicas, porém não fomos vitais e imprescindíveis para elas como se descortina

agora com o esgotamento do petróleo e a sua inexorável substituição pela energia vegetal da biomassa abundante nos trópicos. A maior nação tropical do planeta, o Brasil está sob a mira do poder mundial por causa da incidência de sol e da quantidade de água doce em seu território. Trata-se de um imperativo físico, e mais, telúrico, geográfico, territorial e geológico. E justamente nisso é que se encontra o desafio político do trabalhismo nacionalista brasileiro: assimilar e incorporar organicamente a energia da biomassa tropical em sua doutrina para esclarecer o povo brasileiro sobre a atual situação do mundo, e nós dentro deste mundo. Dir-se-ia que ao brizolismo, depois da morte de Brizola, caberá levar essa vocação energética às últimas conseqüências geopolíticas, porque nunca tivemos uma situação tão contraditória e ambivalente: ou assumir socialmente a fartura da natureza dos trópicos ou desaparecermos como povo e nação. Se o PDT assumir de vez como projeto nacional a energia da biomassa (e tal partido tem tudo para fazê-lo a seguir o rastro de Vargas, Darcy, Jango, Brizola, os quais se conectam cada um a seu modo à questão energética na história do Brasil), o PDT despontará como a vanguarda mundial do trabalhismo e da solidariedade humanista. Essa assertiva não pretende ser nenhum alento messiânico, nem se ufana de conotação megalomaniaca; porém sabemos que estamos enredados no tabuleiro do mundo e a atual crise energética e de combustível (digamos: a energia cada vez mais cara e rara) assola a todos os países. É claro que somos nacionalistas num Brasil ocupado pelo imperialismo e por uma classe dominante multinacional, mas não podemos pensar e agir desdenhando nossa inserção geográfica nos trópicos, e o que isso significa na produção de uma energia, aliás, a única com condições de substituir intensa e extensivamente o petróleo e o carvão mineral.

Se o trabalhismo nacionalista não desfraldar para valer a bandeira energética da biomassa, seguramente fará muito feio diante da memória de seus líderes maiores, além de cometer o equívoco brutal de deixar ao poder multinacional e oligárquico o futuro uso social e politicamente espúrio dessa energia. A atualização do



trabalhismo nacionalista, ou as respostas deste aos principais problemas dos nossos dias, implica um projeto energético e tecnológico da biomassa com objetivo de promover a desalienação mental dos trópicos e estender o progresso à maioria da população. A verdade é que sem memória não há resistência. E a nossa memória é trabalhista. Em 1950 a palavra eleitoral de Getúlio Vargas se empenhava na criação da Petrobras. Isso mostra como a história do trabalhismo está vinculada à questão energética. Depois do suicídio de Getúlio Vargas, em 1954, é chegada a hora de Leonel Brizola governar o Rio Grande do Sul em 1959, cujo desafio era resolver a escassez de energia elétrica que impedia o desenvolvimento do Estado. Empresa responsável pela geração de energia elétrica, a CEERG era subsidiária da multinacional Bond and Share. Evocando o interesse público, Leonel Brizola a encampou promovendo o maior bafafá internacional, de modo que não foi senão por causa da energia que o jovem governador gaúcho tornar-se-á o político brasileiro mais visado pelo imperialismo norte-americano depois da morte de Getúlio Vargas. Em livro póstumo da Assembléia do Rio Grande do Sul dedicado ao ex-governador, somos informados que uma empresa governamental – AGASA (açúcar gaúcho) – pretendia produzir álcool combustível, o que revela a sensibilidade de Leonel Brizola em relação à importância da energia. O seu amigo Darcy Ribeiro, quando senador na década de 90, conversando com J.W. Bautista Vidal e Marcello Guimarães, organizou a Carta Darcy número 7 dedicada à biomassa e aos trópicos, chamando a atenção para a travessia energética do paradigma hidrocarboneto ao hidrato de carbono. À Petrobras caberia não entrar na jogada pérfida do poder mundial que faz de tudo para nos convencer a ficarmos atrelados ao petróleo, assim como no passado jurava que por aqui não havia sequer uma gota de petróleo. Dir-se-ia até que, na ótica da escola da biomassa, a miragem de uma auto-suficiência petrolífera é antes prejudicial do que algo benfazejo ao país. Isso porque essa auto-suficiência poderia retardar nosso passo em direção à mudança da matriz energética rumo à biomassa dos trópicos. Estupidez hoje em dia é incentivar a instalação da moribunda petroquímica devido às

carências de matérias-primas e elevação nos níveis dos preços do petróleo e seus derivados. Evidentemente não acho que se deva tacar fogo no petróleo, nem por outro lado entregá-lo aos gringos; mas sim que as suas reservas sejam utilizadas para efetuar a transição à biomassa vegetal, o que converteria indubitavelmente a Petrobras na maior e bem-sucedida empresa energética do mundo inteiro, explorando o petróleo do passado e a biomassa do futuro.

Para responder aos desafios do nosso tempo, o trabalhismo nacionalista neste século XXI precisa didatizar e esclarecer a questão energética da biomassa, assim como Getúlio Vargas assumiu a defesa do petróleo e da Petrobras na década de 50. É incompreensível que um partido nacionalista e trabalhista como o PDT não incorpore permanentemente e em suas campanhas eleitorais – do município à Presidência da República – um programa de criação de milhares de empregos mediante a produção de álcool e óleos vegetais. Hoje a ocupação do território nacional pelos trabalhadores brasileiros é a primeira medida concreta contra as corrosivas e deletérias “perdas internacionais”. A democratização da propriedade no campo requer a produção descentralizada de energia vegetal e de alimentos. Não há na verdade outra maneira de criar trabalho.

Evidentemente o trabalhismo nacionalista não deve furtar-se à crítica da política energética alienada do governo petista, o qual pretende construir usinas nucleares no Nordeste e na Amazônia, que é em tudo e por tudo o avesso do ideário energético da biomassa na terra do sol. Mas urge colocar em prática – indo além de uma abordagem de cunho apenas teórico – nas prefeituras e nos governos sob gestão pedetista um programa de produção de álcool-combustível e de óleos vegetais e, se possível for, convém instalar um processo industrial de vanguarda presidido pela alcoolquímica, deixando de lado definitivamente a anacrônica petroquímica. Desde quando em 1973 houve o embargo do petróleo pelos países integrantes da OPEP (Organização dos Países Exportadores de Petróleo), elevando subitamente o preço do barril, eis que apareceu no horizonte a fonte energética substitutiva do petróleo: a biomassa. Por conseguinte, desde essa época é que o trabalhismo

estará incumbido de fornecer ao país uma solução nacionalista para a questão energética da biomassa.

Ao PDT cabe assimilar e incorporar organicamente a biomassa em sua doutrina trabalhista, denunciando o risco de o Brasil ser alvo de uma jogada internacional com objetivo de impedir que essa energia seja utilizada a favor do bem-estar do povo e da nação. A conduta do imperialismo – a sua essência – na era da biomassa não difere substancialmente da era do petróleo, na qual se pregava que o Estado brasileiro era mau administrador e o capital estrangeiro indispensável. Do governo Figueiredo a Lula o que se observa é a tendência em desmontar o Estado e, simultaneamente, a compra pelas multinacionais de enormes fatias do território nacional e dos recursos naturais. Evidentemente existe uma razão para isso. É que essa desestatização neoliberal, junto com a privatização colonialista da terra, faz parte de uma estratégia energética da potência capitalista hegemônica que não tem condições de suprir as suas próprias demandas econômicas com os recursos naturais disponíveis em seu território. Decorre desse condicionante objetivo da natureza, que nenhuma prodigiosa invenção tecnológica é capaz de anulá-la, o fato irrefutável de a cobiça do poder mundial estar voltada para a região dos trópicos. Isso significa que a solução energética dos países frios e temperados encontra-se aqui no continente tropical. Como não controlamos a nossa moeda, e como o fruto do nosso trabalho vai todo para pagar a dívida externa, nós somos pobres em capital, mas ricos em energia por causa do sol e da água. É essa contradição que rege, para além das aparências e do teatro parlamentar, a dinâmica política e ideológica da atualidade brasileira. Diante disso não devemos ter receio de aventar a hipótese da possibilidade pavorosa de virem a se instalar aqui grandes *plantations* multinacionais com a produção monopolista de energia da biomassa. Por que não poderá se configurar neste século XXI a fase colonial da energia da biomassa? Por que não um domínio imperialista tendo como combustível o álcool da cana-de-açúcar, da mandioca e os óleos vegetais? Sabemos que a biomassa é em si uma forma de energia descentralizada e desconcentrada, diferente pois da mina de carvão e do poço

de petróleo; todavia inexistente um determinismo da energia que seja a-histórico e independente dos interesses materiais: o que é dado pela natureza, o intrinsecamente energético pode ser alterado pelo poder político, econômico e militar. Assim, é possível que o capital imperialista explore à sua maneira – com feição monopolista, concentrada e oligárquica – a energia da biomassa tropical com objetivo de abastecer prioritariamente os países hegemônicos, contrariando a vocação dispersa, democratizante e antilatifundiária da biomassa. O que se desenha nesse quadro de exploração multinacional da energia da biomassa é que o Brasil poderá vir a ser um palco territorial das disputas interimperialistas, sem descartar a hipótese de um consenso entre as empresas estrangeiras no rateio da terra e da água: a Mont Santo fica com o sul, a General Motors com o norte, a Toshiba com o centro-oeste, enfim, as regiões controladas e governadas por grandes empresas multinacionais que, satisfazendo os interesses dos países de sua origem, poderão se valer de um dispositivo genocida em relação ao povo brasileiro, pois a maioria da nossa população estará fora desse progresso multinacional poupador de mão-de-obra descartável.

Todos os países do Primeiro Mundo estão de olho gordo no álcool-combustível. O Japão quer investir 100 bilhões de dólares na agricultura energética do Brasil. Não sabemos ainda qual a forma política e social de que se revestirá essa cobiça internacional, isto é, qual será a estratégia de rapinagem das potências imperialistas que se encontram em estado de penúria energética. É preciso lembrar que são potências dotadas de alto poder bélico e militar. Lembremo-nos também que a política do neoliberalismo desde Collor tem sido a destruição das Forças Armadas nacionais para deixar mais vulnerável o território dos trópicos a uma eventual posse ou conquista estrangeira. Todos os lances escabrosos do governo feagaceano devem ser compreendidos à luz da geopolítica da biomassa energética: o desmonte do Estado, a venda das empresas mistas e estatais, e a pauperização das Forças Armadas. Toda mídia daqui a pouco será vendida para consumidores estrangeiros, mas antes mesmo de chegar a esse ponto, os jornais e tvs irão fazer a propaganda ideológica sobre

a excelência e as virtudes da exploração da biomassa tropical pelas megamultinacionais.

Diante desse quadro que parece apocalíptico – mas nada tem de paranóia delirante – cabe ao trabalhismo nacionalista a denúncia de um programa energético apátrida que levará às últimas conseqüências a degradação colonial do trabalho: um trabalho como meio de morte para o povo brasileiro. Em 2006 uma candidatura pedetista à Presidência da República não poderá se omitir quanto à alienação da biomassa e a cobiça dos países do Hemisfério Norte. O escândalo da biomassa apresenta-se muito mais grave do que o escândalo do petróleo de que falava Monteiro Lobato. Isso porque o domínio imperialista estará baseado numa energia que está aí para ficar. Renovável, ela não acaba nunca – a não ser quando não mais existir a luz do sol.



# Geopolítica da Energia e Biomassa

J. W. Bautista Vidal

Neste Seminário, que considero de grande importância para o futuro do Brasil, uma iniciativa do Arnaldo Mourthé, do Lupi e do Manoel, e um forte impulso da juventude, estamos diante de um fato marcante no cenário brasileiro: o mundo em guerra por causa do fim da era do petróleo. Alguns analistas internacionais vêem a eventualidade do terceiro grande conflito, que seria um desastre para o mundo, um conflito nuclear apocalíptico. A guerra no Oriente Médio caminha nessa direção...

Até recentemente o conflito localizava-se no Oriente Médio, onde estão 70% do que sobra das reservas de petróleo do planeta Terra. As guerras que têm ocorrido lá não são, nem de longe, semelhantes à guerra do Vietnã, por exemplo, que foi uma guerra de natureza ideológica, localizada, que não envolvia o mundo. Do Oriente Médio sai o sangue negro que alimenta e movimenta o mundo. Como o petróleo está sendo exaurido de modo acelerado, aquela região tornou-se conflituosa e envolve as nações hegemônicas.

Desde a derrubada do primeiro ministro Mossadegh que nacionalizou o petróleo do Irã, a guerra na região é contínua. Hoje ela já não se localiza apenas na região. As torres de Manhattan, o golpe na Venezuela, a invasão do Afeganistão e do Iraque e a prevista para o Irã, além das ameaças que sofre a nossa Amazônia, são partes do mesmo processo relacionado com o fim da era do petróleo.

Os conflitos em torno da antiga Iugoslávia que mexeram com a Europa são parte de uma questão única, relacionada com o fim

dessa era energética fóssil. É importante que essa situação energética mundial faça parte da linguagem geopolítica brasileira. Por isso, junto com Arnaldo Mourthé, decidimos discutir a biomassa, como fonte energética, como parte fundamental da Geopolítica do Poder. Não existe política séria se esta não envolve o poder e os seus principais instrumentos. Como as ações políticas estão se dissolvendo elas não envolvem as questões centrais do poder, como são, por exemplo, as questões energética, tecnológica e a questão da moeda. Por isso, hoje é difícil haver um debate sobre essas questões no Congresso nacional. A crise dos combustíveis fósseis está no centro do poder, e o Congresso deveria discutir poder nacional frente ao poder das nações hegemônicas que nos transformam em colônia. Daí a dissolução e o esvaziamento dos partidos políticos. Isso dificulta de modo extremo o desenvolvimento do País. É muito difícil achar os caminhos do desenvolvimento sem a existência de um fundamentado Projeto Nacional que pressupõe independência e soberania.

Como é que se pode administrar um continente que tem papel crucial no futuro da humanidade, sem ter um projeto nacional de poder? Então, é mais ou menos o tom deste nosso Seminário, para ver se o nosso Partido, o PDT, assume esse papel, e se algum partido tem a ver com o poder, esse partido é o nosso. Basta olhar para Getúlio Vargas, que foi o homem de poder mais importante da nossa história, um estadista, que teve uma continuidade natural em Brizola, embora Brizola nunca tenha chegado à Presidência da República. Getúlio ficou um longo período, por isso se torna mais clara a postura dele. É nessa linha que vamos centralizar nossa análise da Geopolítica de Poder e Biomassa.

Por causa da falta de debates sobre as questões de poder, os partidos políticos não fazem a grande política, aquela que envolve o poder da ENERGIA, DA TECNOLOGIA, não há grandes líderes da política nacional. Depois de Getúlio, sentimos como a nação brasileira ficou traumatizada com a morte de Leonel Brizola, o que tem sua razão de ser, porque foi o político que sempre esteve muito ligado ao poder no Brasil. Vejam como Getúlio centrou sua ação



prioritariamente criando uma forte estrutura no campo energético, como é o caso da Petrobras e da Eletrobrás. Nosso trabalho, assim levanta com ênfase a construção de uma poderosa estrutura na área das energias renováveis e limpas dos trópicos que coloca o Brasil na perspectiva de ser a grande potência de combustíveis líquidos mundial do futuro.

Para analisar o papel do Brasil, é preciso aprofundar alguns conceitos fundamentais do campo energético. Todas as ciências naturais são fundamentadas em dois princípios que são os princípios da termodinâmica. Qualquer lei, qualquer teorema, qualquer formulação das ciências naturais que não satisfazem a esses princípios da termodinâmica estão equivocados, podem ser jogados no lixo. Os princípios da termodinâmica são os pilares das ciências naturais.

O primeiro princípio da termodinâmica define que nada se move ou se transforma no universo físico, sem energia. Não seria possível o equilíbrio do cosmos, com bilhões de galáxias, cada galáxia com centenas de bilhões de astros, sem a intermediação de energia.

Nem o cosmos nem o átomo, que é fundamentalmente formado de elétrons girando em torno do núcleo. É a energia que permite sua estabilidade. Como nada se transforma ou se movimenta sem energia não é possível qualquer tipo de movimento, até o molecular das partículas, que definem a temperatura. Sem energia nada se transforma. É impossível sem ela partirmos de uma pedra e chegarmos a um metal ou tudo o que dele resulta. Os transportes, nós sabemos, dependem de energia. As comunicações idem, a alimentação também. Se não fosse a energia ingerida diariamente sob forma de alimentos não sobreviveríamos. Não se pode imaginar as Forças Armadas sem energia.

Então, energia é um ente quase que divino na estrutura do universo físico e na estrutura de poder. Assim identificamos um poderosíssimo, o maior de todos os instrumentos de poder: a energia. E essa energia marca a história e define o processo de construção das civilizações, constituindo a ciência termodinâmica muito recentemente, do século passado.

Marx cometeu algumas derrapagens fundamentais porque não havia uma ciência termodinâmica consolidada na sua época; ele a definiu de modo errôneo: como força do trabalho. Na realidade é o trabalho que resulta da energia. Tudo o oposto, portanto, porque a energia é a capacidade para produzir trabalho. O trabalho é que depende da energia. Sem energia não há trabalho, nenhum tipo de trabalho, nem o trabalho humano nem o trabalho da máquina, nem o trabalho da natureza. Então, toda essa história de que o trabalho gera energia não faz sentido, pois ela é a razão do trabalho.

Eu e Giba (Gilberto Vasconcellos) estamos fazendo um livro sobre essa derrapagem do Marx, e aí é que começam as coisas a ficar confusas, porque não está se respeitando a ciência. É claro que Marx não era um físico, um cientista, mas não havia ciência consolidada na época. Mas isso se consolidou, e os marxistas continuam insistindo no que Marx falou. Até em respeito a Marx, essas coisas teriam que ser reajustadas, daí a razão de Gilberto Vasconcellos e eu fazermos o livro.

A energia se chamou força do trabalho. A força nada tem a ver com energia, não tem nada a ver. É outra coisa. É do trabalho, como se viesse do trabalho, quer dizer: a energia é que produz todo tipo de trabalho, inclusive o trabalho humano, dos músculos e do cérebro. Se nós não ingerirmos alimento, nós não somos capazes de produzir nada. Se você passar um mês sem comer, você não se levanta da cama; quanto mais, é claro, no ato do trabalho, aquela energia é consumida e precisa de novos alimentos. Então, é uma coisa absolutamente trivial, e essa coisa não está na essência da teoria marxista, porque, na época em que Marx a desenvolveu, não havia uma ciência termodinâmica consolidada.

Houve, até, no início desse século, um prêmio da Academia de Ciências da França para quem provasse que os princípios da termodinâmica eram verdadeiros. O princípio não é uma coisa desenvolvida pelo homem, o princípio é algo que existe, você constata em todas as experiências, aquele princípio é básico, é a sustentação de tudo, não tem o que discutir, não tem o que demonstrar, ele é como um pilar, absoluto, criação de quem seja, criação das leis da natureza.

Então, a energia é uma coisa absolutamente crucial e fundamental. Não se pode falar no processo civilizatório sem energia e muito menos em política sem energia. Eu vou dar um exemplo histórico e muito importante sobre a decadência de Roma. Um livro sobre energia, escrito por luminares do mundo atual. É descrito como ocorreu a decadência e o desmoronamento de Roma.

Roma se abastecia das florestas da Núbia, do norte da África, e com isso se abastecia do seu sistema produtivo. Os banhos romanos, toda aquela energia vinha da madeira retirada das florestas da Núbia, da África. Só que a imprudência histórica da época, essa imprudência que perdura até hoje, eles não cuidaram nem do replantio nem da manutenção dos sistemas sustentáveis, como são as plantas, e foram tirando, tirando, tirando, e de repente Roma ficou sem energia. E, como já tinha exaurido as florestas da Núbia, depois isso veio a se transformar no deserto do Saara, foram procurar energia no norte, no centro da Europa, onde estavam os hunos, os visigodos, os chamados bárbaros, e os bárbaros botaram os romanos para correr e invadiram e destruíram Roma. Que beleza! E os bárbaros disseram: que negócio é esse? Estão cortando as árvores? Pau neles! E foram lá, invadiram Roma e destruíram Roma.

Que beleza! Vou até contar uma história: teve um homem chamado Viriato. Era um agricultor que chegou a formar um exército de dois mil homens nativos da Galícia e Lusitânia, e Portugal, e derrotou inúmeras vezes o exército romano, a tal ponto que Roma ficou tão abalada e trouxe os generais, que destruíram Cartago para enfrentar Viriato. Mas Viriato derrotou-os. Como eles viram que Viriato era imbatível, compraram alguns dos seus lugar-tenentes. E esses bandidos mataram Viriato e acabou tudo. Aí, eles foram receber os prêmios de Roma e Roma disse: Roma não previa traidores!

Que beleza! As nações naquele tempo tinham comportamento moral. Roma respeitava as tradições, os valores morais. Hoje, estamos decadentes, descendo ladeira abaixo.

Essa história da decadência de Roma é um fato vinculado ao colapso energético. Roma se deu mal no momento em que não respeitou a questão energética, destruiu as florestas da Núbia, foi

procurar em outra região, os bárbaros botaram eles para correr, invadiram e destruíram Roma. Então, nós estamos numa fase assim, dessa natureza, porque o mundo hegemônico resultou da substituição da biomassa, que era a fonte de energia por séculos e séculos e até milênios, por combustíveis fósseis, que foram basicamente carvão mineral e, depois, o petróleo.

Esses combustíveis levam 400 a 600 milhões de anos para se formar, e têm origem no sol, porque o sol forma nas plantas pelo processo da fotossíntese os graxos que são açúcar, amido e celulose. Os microorganismos vegetais, depois animais, se depositam no fundo dos lagos e dos mares, e num processo de guerras biológicas de 70 milhões de anos, aquela energia que vem do sol, passou pela planta e se acumulou no subsolo produzindo o petróleo, o xisto, o carvão mineral, o gás mineral. Todos com sua origem no sol. Então, a biomassa tem a mesma origem: o sol. Só que com a economia de 400/600 milhões de anos. Enquanto o óleo diesel do petróleo precisa passar 400/600 milhões de anos para se formar, o girassol precisa de 2 meses. É preciso ser burro para não ver que plantar girassol é a solução. Não é preciso esperar 400/600 milhões de anos para produzir diesel, mas aquilo concentrado, acumulado, em 600 milhões de anos. O processo civilizatório todo, centrado numa forma energética que são os fósseis, vamos chamá-los assim, não renováveis, que precisam de centenas de milhões de anos, e que ainda por cima esse petróleo um dia acaba. Basta furar que o gás puxa o petróleo para fora do poço. Um maná! Mas vai acabar.

Está acabando, e o mundo já entrou em guerra por isso! Inexoravelmente! Ou então as nações hegemônicas vão ter que abaixar as calças, porque sem energia o poder econômico desmorona. Não é só a questão energética. Por exemplo: o meu querido amigo Mourthé falou da questão das moedas de referência, as mercadorias. Tudo que ele falou é perfeito. Há a seguinte questão: na realidade, a moeda é um símbolo da riqueza e se caracteriza como mercadoria. A moeda hoje não é nem papel pintado, é digitação de secretária. Para que trabalhar se você pode fabricar riquezas com a digitação das secretárias? E com isso dominar o mundo? Se você pode fabricar riquezas, pra

que trabalhar, se pode digitar riquezas com secretárias que ganham menos que um salário mínimo? Estamos vivendo hoje a tirania de uma moeda falsa, que é o dólar, que não tem nenhum lastro, nenhum fundamento. Então, como é que ele existe, como é que ele derruba governos, como é que destrói nações, etc.? É a única moeda que compra petróleo, e aí passa a ter o valor do petróleo, e esse produto é crucial nesse modelo de combustíveis fósseis.

Por que derrubaram Saddam? Porque ele tinha armas perigosas etc.? Coisa nenhuma. É porque ele passou a aceitar o euro na compra do petróleo. Os americanos ficaram enlouquecidos, e, semanas depois, invadiram e saquearam, depois prenderam, mataram, para assegurar essa porcaria de moeda falsa. Um país com a riqueza natural como o Brasil, maior produtor do mundo de quartzo, nióbio, o metal estratégico do futuro, e as energias renováveis, única solução energética para o planeta no fim da era do petróleo. O Brasil não tem moeda, e sem moeda não tem soberania, fica submetido às taxas de câmbio, aos juros arbitrários, tudo imposto pelo sistema financeiro internacional, que é um bando de delinquentes. E as nossas autoridades, os nossos conselhos de justiça, aceitam o arbítrio de uma moeda falsa comandar o nosso destino.

Isso num país riquíssimo sendo levado à ruína, matando seu povo de fome. Já começa por aí. Como aceitamos uma imposição dessa natureza, quando somos um país com um poder fantástico, com instrumentos de poder criados por essa energia é, sem dúvida, o maior trunfo nas circunstâncias atuais. Então, como eu me referi, os combustíveis fósseis foram uma imposição das nações hegemônicas, todas elas situadas em regiões temperadas e frias do planeta, não existe hoje porém nenhuma nação hegemônica nos trópicos. Entretanto, essas nações hegemônicas são muito pobres em energia, não têm o maior instrumento de poder que é a energia. Em contrapartida, as corporações americanas se apoderaram da Aranco, da Arábia Saudita.

O Iraque foi ocupado, o Irã vai ser ocupado em seguida, e daqui a pouco a Amazônia também o será. O sol é a grande e eterna fonte de energia por ser um reator à fusão nuclear, a nossa estrela

força. Todas as estrelas são iguais. No núcleo das estrelas ocorre a transformação da matéria – hidrogênio – em energia numa relação dada por Einstein. A energia é igual à massa vezes a velocidade da luz ao quadrado. A velocidade da luz é de 300 mil quilômetros por segundo. Um grama de matéria transformada em energia pela fusão equivale à energia de mil toneladas de petróleo. Um grama. Então, definitivamente, a questão energética estaria resolvida pela fusão nuclear. Só que o homem não consegue produzir um reator a fusão nuclear, que ocorre a centenas de milhões de graus e, nessa temperatura, não existe substância nem líquida nem sólida, todas as substâncias são gases rarefeitos, e aí você não tem nem como sustentar os resultado do seu trabalho.

Trabalhei em Fusão Nuclear na Universidade do Texas. A fusão nuclear é impossível de ser produzida num reator nuclear. O único reator nuclear viável são as estrelas, são reatores naturais. Todas as fontes de energia vêm do sol, com apenas três exceções. Daí ser o sol a nossa matriz, o nosso deus. Todos os movimentos que nós vivemos, todos os seres vivos existem graças a isso, a essa energia nuclear que joga sobre o hemisfério da terra, em um dia, uma quantidade de energia equivalente a todas as reservas de petróleo descobertas em todos os tempos, incluindo as não descobertas, mas apenas inferidas. Isso é um dia de energia solar. Que porcaria de civilização, não é? Que é apenas um dia de energia solar? Mas essa energia solar não é uma coisa bem distribuída, ela é concentrada nas regiões tropicais. Então, como tudo depende da energia, a parte do planeta Terra, onde são possíveis as futuras civilizações, é, em primeiro lugar, nas regiões tropicais. Não é na Suécia, na Dinamarca, na Inglaterra, no Canadá. Sem energia, como é que se vai viver? E aí eles vão tomar a energia dos outros, pela força militar. E aí é que vem a força deles. Impõem o poder de matar, os povos se apavoram e baixam as calças, e é mais ou menos a nossa situação.

Há uma coisa também muito importante: a dissonância entre a nossa geografia e a nossa história. A nossa geografia é apoteótica, é o único continente tropical que detém uma grande proporção da energia que o sol joga sobre o hemisfério da terra, a maior

proporção, e que também detém a maior proporção de água doce, que é o outro parceiro na produção de energia, sol e água. Aí é que vem esse milagre das energias renovadas e limpas, aí é que vem a Amazônia, e aí é que vem esse esplendor deste território maravilhoso, com uma variedade em grande quantidade de minérios e fecha o circuito: a água, minério e sol. O que você quer mais?

Aí está o centro do poder, do qual todas as relações do processo civilizatório dependem. E nós ignoramos isso do ponto de vista político. Como é que é possível? Será que somos um povo de idiotas? Claro que não somos. O que há é o seguinte: uma natureza apoteótica que não fechou com a história. O processo colonial nos fez ignorar o nosso espaço e o nosso tempo.

A mente colonizada é aquela que ignora o seu espaço, o seu tempo, para você ignorar sua geografia. Você é uma mente colonizada, na hora em que você ignora que a energia é a fonte maior do poder. No caso, as duas coisas fecham. Você ignora a sua geografia, e isso é devido à incompatibilidade de um processo colonial que persiste até hoje. O que era na época dos lusitanos, hoje é muito mais grave com a nossa apoteótica natureza. Só esta é capaz de salvar o mundo do maior colapso de toda sua história, que é o colapso dos combustíveis fósseis. Inicialmente o carvão mineral, depois o petróleo. O petróleo que está acabando, e o carvão mineral porque provoca esse terrível efeito-estufa, de mudança de climas.

Nós estamos à beira de um colapso alimentar no mundo, porque a elevação da temperatura da terra, devido ao efeito-estufa, está dissolvendo as geleiras, que se transformavam em água no verão para irrigar as grandes planícies da China e dos Estados Unidos, que são duas áreas de Planalto que produzem a maior quantidade de grãos de todo o planeta. Essas duas regiões estão à beira do colapso, porque essas duas geleiras estão se derretendo antes de chegar o verão, porque as temperaturas estão se elevando. Isso significa que vai faltar alimento no mundo. As duas grandes áreas produtoras de grãos do mundo são a planície central dos Estados Unidos e a da China. Nessas duas, as geleiras estão se derretendo antes, e isso terá efeito devastador no processo de produção de grãos.

Há um documento, considerado secreto, feito pelo Pentágono, que anuncia guerras, inundações de países inteiros, frutos do efeito-estufa. Foram publicadas partes desse relatório na revista *Fortune* e depois, aqui no Brasil, *Carta Capital*. Essas matérias relatam pontos terríficos do que está acontecendo com o planeta, devido ao efeito-estufa. Isso é mais violento do que o fim da era do petróleo. O efeito-estufa é mais danoso e mais violento que o fim da era do petróleo. Na realidade, o mundo está submetido a dois grandes colapsos: o colapso energético, pelo fim da era dos combustíveis fósseis, e o colapso ambiental, devido ao efeito-estufa e às mudanças de climas. Todos dependem de solução do continente tropical brasileiro. Primeiro, os combustíveis fósseis são não renováveis, se formam a partir da energia solar e para isso levam 400 milhões de anos. Ao acabar não há o que esperar, não se renovam em tempo razoável.

Cria-se assim um colapso civilizatório, somente superável pelas energias renováveis das regiões tropicais. As grandes potências nucleares estão se apoderando militarmente do que sobra de reservas de petróleo que há no mundo. Quando alguém diz que o petróleo ainda pode durar 30 anos, está ignorando as reservas que as potências nucleares irão guardar para si mesmas. Será que os norte-americanos, os russos e outros vão deixar o petróleo para os outros, se lhes é necessário como condição de sobrevivência? É claro que pelas armas irão reservá-lo para si. Pode-se pagar 500 dólares pelo barril e não ter o petróleo, reservado para as nações nucleares. Suas sobrevivências não têm preço para eles.

O problema não é a moeda emitida sem lastro, o problema é a sobrevivência garantida pela disponibilidade de petróleo. Quem tem poder militar sai em frente. Temos o exemplo do Iraque. E, nessa linha de raciocínio, a única solução são as energias renováveis e limpas das regiões tropicais. Dentro dos trópicos, o Brasil é o único continente tropical. E ponto final, não tem outro. Por causa do sol e por dispormos da maior proporção de água doce da Terra, permitindo o casamento fundamental – sol e água – para a formação energética renovável e limpa. Todas as formas de energia renovável têm como origem o sol. A biomassa pelo processo da



fotossíntese nas plantas que captam em reação química endotérmica a energia eletromagnética do sol. Seus componentes são o  $\text{CO}_2$  do ar, e a água, que são fundamentais, sem água não é possível se formar o hidrato de carbono. Eles são também a origem da vida: açúcares, óleos vegetais, amido e a celulose. Quando esses hidratos de carbono microscópicos são depositados no fundo dos mares e lagos, 400 milhões de anos depois, se transformam em petróleo, em xisto, carvão mineral, em gás natural. Mas, por que esperar 400 milhões de anos? O Brasil não precisa esperar.

É claro que, num momento histórico, graças ao grande Getúlio, ele sentiu que ainda não havia esses conceitos claros, e partiu para criar a Petrobras, que foi uma questão crucial da nossa sobrevivência nesses últimos 50 anos. A Petrobras foi um achado. A grandeza de Getúlio é a capacidade de percepção das questões energéticas no processo civilizatório. Sem a Petrobras, sem a Eletrobrás, o nosso processo de civilização não teria sido possível. Fundamentar-se no carvão mineral sujo, provocando o terrível efeito-estufa, não seria suficiente na era do petróleo.

Os Estados Unidos estão numa situação desesperadora, porque 82% da produção de sua energia elétrica provêm dos combustíveis fósseis, basicamente do carvão mineral. Por isso é que eles não assinaram o Protocolo de Quioto, é claro. Ele provoca um colapso no processo industrial, porque teriam reduzido a geração de energia elétrica. Veja que situação difícil! Simultaneamente, eles têm petróleo para três anos, e necessitam reduzir o carvão mineral que usam em 80%, porque é o maior poluidor e maior causador de efeito-estufa do planeta.

A China, o segundo causador de efeito-estufa, está chegando perto, porque seu crescimento atual exige a queima de carvão mineral em grandes proporções. O Brasil está iniciando um diálogo muito bom com a China. Ela não dispõe de poder nuclear suficiente para recusar-se a assinar o Protocolo de Quioto. Mas tem que parar de queimar grandes quantidades de carvão mineral, grande causador do efeito-estufa. É trágico! Quem visitou aquela região recentemente fica apavorado, pois isso tem conseqüências no planeta

como um todo. Não é limitado a conseqüências locais e o mundo vai protestar. Então começamos um diálogo muito frutífero. Qual é a única solução da China para sair desse imbróglio horrível, capaz de destruir o equilíbrio termodinâmico da ecosfera? São as energias renováveis e limpas do Brasil que podem salvar a China. Se a China não procurar esse caminho ela irá dar-se mal, porque todo mundo vai reagir. O maior poluidor são os Estados Unidos e a China promete superá-los. Com aquela população, imagine a China crescendo 9,5% anuais, como ocorreu este ano. Dez anos a fio, ela irá causar um devastador efeito-estufa. Então, podem-se configurar situações em que a solução brasileira, que vem do sol, e por meio de microorganismos de hidratos de carbono permitem produzir combustíveis fósseis. Por que esperar os 400 milhões de anos, por que não plantar girassol, amendoim, babaçu, dendê, mamona, por que não? Por incompetência política. Por falta de soberania, de poder nacional! Como se a política não fosse um jogo de poder! Que equívoco histórico, não somos nós os responsáveis Isso veio da época da Colônia. Com a Inglaterra dominando o carvão, impôs ao mundo esse modelo suicida dos combustíveis fósseis.

Quando me formei em Engenharia como aluno laureado estava convencido de que o Brasil era um país inviável, porque não tinha carvão mineral de boa qualidade. Os meus professores, cabeças colonizadas, me ensinaram isso. Fizeram a minha cabeça. Levei vinte anos para resgatar isso, estudando física e descobrindo que não era nada disso, que o carvão mineral era uma fonte suja de energia e o Brasil a maior potência mundial em combustíveis líquidos renováveis. Agora, a energia limpa dos óleos vegetais, do álcool, da celulose da madeira, é o novo caminho, renovável e limpo, da humanidade. Ao ser renovável, é eterno, enquanto houver sol e água, você tem a possibilidade de permanentemente produzir energia nova de baixa entropia, de uma maneira crescente.

Quando estava na Secretaria de Tecnologia Industrial, implantei o Programa Nacional do Álcool, há 27 anos. Imediatamente, procurei implantar o programa de substituição do óleo diesel de petróleo por óleos vegetais. Seria muito mais fácil do que o

Proálcool. Eu não vou entrar em detalhes, é muito mais fácil, até na grande variedade das matérias-primas vegetais. Enquanto o álcool, dispõe-se de cana-de-açúcar e mandioca, no caso do biodiesel, você tem centenas de óleos vegetais. Só na região amazônica você tem uma grande quantidade de variedades com elevadas produtividades.

Com os 70 milhões de hectares que a Embrapa já levantou para a produção do dendê nós podemos produzir nessa região da Amazônia cerca de oito milhões de barris por dia, de óleo diesel vegetal superior em potência e não poluidor se comparado com o óleo diesel do petróleo. Oito milhões de barris por dia é a produção de petróleo da Arábia Saudita. Deste modo viramos a maior potência energética do planeta. Dentro de dez anos a Arábia Saudita não vai produzir nem metade do petróleo de hoje, porque eles estão exaurindo as reservas, e o petróleo não é renovável. O dendê, além de reservas renováveis, nós estamos aumentando sua produtividade e concentrando sua produção. Dentro de 10 anos, a produtividade será muito mais alta.

Hoje nós temos a cana, muito superior a qualquer programa que surgiu num período de 27 anos, porque foi cuidada desde o início considerando a parte tecnológica. Com isso o rendimento da produção da cana cresceu e a produção do álcool teve um aumento anual de 4,5%, durante 27 anos. Hoje, nós somos imbatíveis na produção de álcool no mundo. Nós produzimos álcool pela metade do preço do segundo país, que são os Estados Unidos. Ninguém chega perto para competir conosco. Veja que situação privilegiada para a energia renovável, que substituirá com indiscutíveis vantagens o petróleo e demais combustíveis fósseis. Que poder! Como é que ainda não fomos capazes de assegurar para o Brasil, em benefício do nosso povo, a condição de maior exportador de combustíveis líquidos, renováveis e limpos, e aí, criar uma moeda própria, com lastro.

Quero uma moeda própria que é um instrumento de poder fundamental. O que eu quero dar ênfase é que não se mudam conjunturas ideológicas, políticas e, muito menos, o bem-estar do povo, sem instrumentos do poder. Por exemplo: os Estados Unidos. Por que eles são ricos? Porque têm a capacidade de matar

e se apoderam do que é dos outros. Todo mundo tem medo. O Brasil entrega o Banco Central e o Ministério da Fazenda para eles, tem medo. O presidente da República fica ali perto, perguntando, como é que é, como não é. Porque eles têm o poder de matar. Porque eles têm o instrumento de poder. Agora, imagine e compare esse instrumento, que é baseado na capacidade de matar, com o instrumento que vai salvar o mundo da fome? Emergentes somos nós. Nós temos uma bomba na mão, bomba para o bem, para salvar a humanidade. É isso que nós temos que entender. Que energia é o grande instrumento de poder e nós somos a grande potência energética. Que somos quase que proprietários do sol, e podemos dizer: o sol é nosso! É uma nova linguagem. O sol é nosso!

Então, é sobre esse raciocínio que, percorrendo o país, falando sobre o monopólio, estou sentindo que o povo brasileiro está começando a ficar indócil, porque até aqueles partidos que tinham nuances de nacionalismo viraram entreguistas. O Supremo Tribunal vai recusar a ADIN do governador Requião, em confronto com a Constituição que manteve o monopólio do petróleo com a União (de fato recusou). Os membros do Governo vão destruir o Brasil, ao continuarem esses leilões, entregando as reservas de petróleo. Vão liquidar o fruto da competência do trabalho dos engenheiros da Petrobras e a própria nação.

Como é que nós vamos entregar isso? Eu tenho informações muito seguras de que a Agência Nacional do Petróleo é até hoje dominada pelo Fernando Henrique e o seu genro. Este se reúne todas as semanas com os superintendentes que ele nomeou sem concurso. Então, eles se reúnem num café, num bar, atrás da própria sede da ANP para decidir as coisas. Já abriram o sétimo leilão e entregaram o melhor bloco de reservas a corporações externas de petróleo.

A medida provisória que está sendo aplicada é a mesma medida aplicada ao México, que vincula a gigantesca dívida externa brasileira às reservas de petróleo. O México detinha cerca de 36 ou 38 bilhões de barris de reservas, hoje tem 12 a 13. Em menos de cinco anos, o México, que era uma potência petrolífera, vinculou suas

reservas à dívida externa, exportaram seu petróleo para os Estados Unidos e estes abocanharam a maior parte. Hoje, o México é um simulacro do que era anteriormente, tem menos reservas que o Brasil.

Temos petróleo para pelo menos mais 18 anos. É um número um pouco controverso, porque dependerá do nível de crescimento que nós tenhamos. Se crescermos muito, o petróleo vai embora mais rápido, se crescermos menos, o petróleo é mantido. Dentro dos limites atuais, de consumo, etc., daria para 18 anos. Para nos transformarmos na grande potência energética renovável, limpa e tropical, o que é inexorável, nós precisamos de 20 a 25 anos, porque nós temos que fazer uma reformulação tecnológica, com a mudança dos combustíveis fósseis para os renováveis. O mundo vai ter que se transformar, mudando os paradigmas energéticos, isso foi dito com todas as letras no Fórum Mundial de julho de 2004, em Bonn.

A era do petróleo já era. A nuclear, também. O futuro do mundo será a energia renovável e limpa. E de onde vem a energia renovável e limpa? Dos trópicos. E nos trópicos, o Brasil é uma grande potência. E nós, para ocuparmos esse espaço, que será o espaço natural da grande potência energética que vai salvar o mundo da hecatombe, nós precisaríamos de 20 a 25 anos. 18 anos ainda é uma situação tranquila. Agora, 10 anos apenas, nós vamos morrer na praia. Na hora em que as reservas de petróleo são entregues aos Estados Unidos ou a outros países que não as têm, e que lhes são absolutamente indispensáveis para manterem-se funcionando, nós vamos retirar o petróleo da nossa sobrevivência e da nossa possibilidade de transformação da nossa matriz energética e da mundial.

O Brasil será o grande fornecedor. Vocês imaginem o que isso representa em riqueza, em postos de trabalho, desenvolvimento tecnológico e respeito internacional. Em análise que fiz, num livro que foi publicado e editado pelo Itamaraty, constatamos que alguns países estão em situação desesperadora em matéria energética. Um deles é a China, que não tem petróleo, e vai aumentar muito, em 80% as importações de petróleo no próximo ano. Está usando com uma sofreguidão terrível o carvão mineral. Está provocando condições devastadores para o efeito-estufa. Não podem continuar

com isso, porque não têm o poder nuclear avassalador que os americanos têm, e assim se recusaram a assinar o Protocolo de Quioto.

Então, a China é um país que dependerá do Brasil de maneira irremediável. Nós podemos dar à China condições de continuar crescendo, com as vantagens que disso resultarem. E sabe o que estão discutindo? Como a China tem muitas reservas de papéis americanos, é vender o território brasileiro para os chineses. Em vez de nós exportarmos, vamos entregar nosso território. Os japoneses também estão falando a mesma linguagem. Saiu uma nota há poucos dias dizendo que o Japão está muito interessado no programa energético brasileiro e que já tem reservados 100 bilhões de dólares para comprar terras no Brasil. Ora, assim não vai sobrar nada. Será que nós vamos virar colônia da China? Que loucura nós estamos vivendo! É por isso que comecei dizendo do grande perigo que nós estamos correndo por causa da questão energética, por causa da questão da água, por causa da questão da biodiversidade, por causa das questões minerais. O nosso papel no futuro do mundo é fundamental. Nenhuma nação hegemônica vai sobreviver se não tiver como sócio o Brasil **NO CAMPO DAS ENERGIAS RENOVÁVEIS**. E, aí, o capital energético é o primeiro de todos, porque sem energia ninguém funciona, as nações morrem e as pessoas **NÃO TÊM TRABALHO**. Então, em primeiro lugar, vamos fazer um pacto de poder com a China, com aquele mercado gigantesco, e nós suprindo a China e abrindo mercados para alimentos, para a energia tropical. Que coisa fantástica!

Os americanos estão loucos para entrar na China. E nós, por uma necessidade imperiosa da sobrevivência da China, podendo fazer um pacto de poder, e nós, é lógico, com a vantagem do pacto ser da barganha, porque vamos levar para eles a solução. O Japão já é a maior potência em tecnologia do mundo, não é militar, mas é potência tecnológica. Fui a uma reunião com o MITI, e estava lá o alto poder japonês. Estavam lá cerca de quatro ex-primeiros ministros, todo o ministério, as lideranças do Congresso. Os japoneses alugaram um hotel, ficamos ali o dia inteiro discutindo e eles só queriam falar uma coisa: a questão energética. Claro! É uma

questão de sobrevivência. Os japoneses estão apavorados, porque os americanos estão ocupando, pelas Forças Armadas, as reservas do Oriente Médio, o Iraque, logo em seguida o Irã. Como é que fica? Os americanos vão dar colher de chá aos japoneses? Eles sabem que não. E qual é a alternativa? Evidentemente que é o Brasil. Estão loucos, batendo à nossa porta, mas nossos dirigentes não têm visão do mundo.

Não sabem dessas coisas fundamentais, não sabem que nós precisamos urgentemente de um partido político maiúsculo, com a história do Getúlio e do Brizola, para acordar o País. Não há outra maneira de fazer isso. E a militância e a juventude devem levar essas mensagens, e aí o moral sobe. Nós não somos um país qualquer, somos o único continente dos trópicos. Somos um país-chave para a sobrevivência da humanidade. Ah! Se Getúlio estivesse vivo... Já pensou Getúlio com essa mensagem? Isso se a Física continuar a existir. Agora, se enterrarem a Física, não há solução. E o sol não pode ser deslocado para Nova York. Então, está na hora de a gente, em primeiro lugar, entender que existe hoje uma versão científica mais profunda do trabalhismo. É a sua vinculação direta, sobre a dependência da energia. No momento em que nós somos a grande potência energética do futuro, nós passamos a ser uma nação fundamental no futuro do mundo, até os americanos vão se ajoelhar na nossa frente para resolver os problemas deles que não conseguem resolver. Japão, Alemanha, Índia, China, Rússia. Que pacto de poder fantástico! O Bloco dos 20 passa a ser pintinho comparado com esse bloco de poder, e um bloco de poder montado numa necessidade de sobrevivência deles, e nós dando os instrumentos básicos de sobrevivência com as energias renováveis tendo origem no sol.

É possível fazer negociações muito favoráveis para o futuro do nosso povo, com riqueza, força de trabalho, com participação de poder político mundial e coisas dessa natureza. Há evidências claras, nesse papel do Brasil no futuro do mundo, evidências reconhecidas pelo Congresso Mundial de Biomassa, em Atlanta, e, agora em julho de 2004, em Bonn, na Alemanha. A voz oficial da comunidade energética e científica no mundo, dizendo que é preciso mudar os

paradigmas da ciência, da economia, da ciência política e da tecnologia, porque esse negócio de combustíveis fósseis já era, e energia nuclear também. O futuro da humanidade depende da energia renovável, do sol. No fundo é o sol, esse reator à fusão nuclear que ninguém tem, e nunca ninguém vai ter e nós já o temos. Fique claro, num continente tropical, com essa água toda, a situação brasileira fica muito perigosa, porque nós não estamos tendo instrumentos políticos para levar avante essas idéias. Essas coisas não fazem parte dos debates no Congresso brasileiro, por exemplo.

Os nossos adversários ocupam o espaço, enquanto o Brasil vem sendo submetido de maneira violenta com as privatizações. Desmontaram os instrumentos estratégicos para usar essa energia, como a entrega da Vale do Rio Doce, da Usiminas, o desmonte de um vigoroso sistema hidroelétrico, toda essa bandalheira vergonhosa. Estão agora vendendo as chamadas florestas nacionais com áreas de 500 mil km<sup>2</sup>, entregando para que os estrangeiros venham a preservar a floresta amazônica. A ministra do Meio Ambiente, Marina Silva, vai para Paris fazer propaganda oferecendo as florestas nacionais. Coisa de malucos!

O mundo está em guerra por causa da disputa das reservas de petróleo que sobram, e o Brasil entregando a floresta amazônica de uma maneira escandalosa. Os transgênicos estão aí. Transgênicos, não são só da soja mas também do milho, etc., em regime de patente, de monopólio mundial para as corporações multinacionais, quer dizer, o Brasil, que não produzia transgênicos, já é este ano o maior exportador de soja do mundo, e ela está na mão de cinco multinacionais norte-americanas. Isso vai se repetir no milho, no feijão, no dendê, no babaçu e, claro, essa gente vem ocupar o território nacional, vão fazer grandes *plantations*, como diz o Gilberto Vasconcellos, e vão expulsar o agricultor brasileiro do campo. Até o latifundiário vai receber um pontapé, claro. Então, nosso governo, estimulando esse tipo de coisas, a venda do território ao estrangeiro, com a expulsão do produtor do campo, e do outro lado esse maldito sistema financeiro que está nos levando à ruína, e essa moeda falsa, em país com tanta riqueza, com esmeraldas,



ouro em grande quantidade, quartzo, nióbio, não ter uma moeda própria como símbolo da soberania? Negócio maluco!

Fica correndo atrás da moeda falsa, do papel verde falso que está nos levando à ruína. Se por um lado nós temos toda essa potencialidade, por outro o inimigo está minando tudo através do nosso sistema financeiro. O presidente da República já colocou um banqueiro do Banco de Boston no Banco Central. Que negócio horrível! Então, o sistema financeiro está minando tudo, uma riqueza esplendorosa, e como a moeda é o símbolo da riqueza e, como nós não temos esse símbolo, dependemos dele e de outros, que são falsos. Assim, estamos liquidados!

O primeiro ato de um presidente é desvincular-se desse maldito sistema financeiro, ilegítimo. Dentro desse sistema, nós estamos liquidados. Não há possibilidade de sucesso, só a derrota nos espera! O símbolo da riqueza, a moeda, nem mais papel é. Com a digitação da secretária, eles compram o Brasil, e nós ficamos sem nada! É uma questão de sobrevivência. Ter um Supremo Tribunal negando aquela linha que preserva as nossas maiores riquezas, como são as reservas de petróleo, descobertas com tanta competência e coragem pela Petrobras? Que diabo é isso? Que Supremo é esse? Eu não estou contra a instituição do Supremo, estou contra suas fraudes contra o Brasil. Os banqueiros externos mandam nas posições no Supremo. E com o apoio indireto do presidente da República!

Então, essas coisas começam a tomar corpo, uma atrás da outra, cada semana tem uma nova lesão ao patrimônio nacional, uma atrás da outra, então nós estamos numa encruzilhada, absolutamente crucial para nossa independência. Como nós somos a nação mais rica em recursos naturais do planeta, e recursos naturais estratégicos, o nosso papel é crucial no futuro da sobrevivência da humanidade, nós temos duas alternativas: ou nós, como povo, assumimos o controle disso e nos tornamos uma nação muito poderosa, em todos os sentidos, e com o nosso povo trabalhando em toda sua plenitude, ou nós vamos ser esmagados por interesses contrários ao do povo brasileiro.

Agora, vocês imaginem, o Iraque foi invadido numa região que é a guerra da energia do passado, aqui vai ser a guerra da energia do

futuro. No atual milênio! Temos um risco descomunal de sermos esfacelados e já o estamos sendo: pelo lado econômico. Nem precisa invadir nosso território, basta dar umas gorjetas a meia dúzia de traidores. Então, resta gritar, como eles fazem lá no palácio, chegam e gritam. Nossos aliados ficam acuados e não gritam, vejam o caso do Serra! Nós estávamos discutindo a Lei das Patentes, ele chegava lá, como líder do PSDB, e berrava: porque não tinham aprovado ainda a impatriótica lei. Serra, como líder do Governo, na época do partido majoritário, chegava aos berros no Congresso, porque não tinham aprovado a Lei das Patentes... Depois terminou aprovada. Uma vergonha! A cessão do patrimônio energético, maior do planeta Terra, uma coisa assim escandalosa, nessa Lei das Patentes. E gente do PT que votou a favor! E gente da bancada do PDT também. Barbaridade! Eu me lembrava de Getúlio. Então, essa situação está se configurando um panorama muito perigoso porque nós, como sociedade, como classe dirigente, não tomamos as medidas necessárias para alcançar esse poder energético, que nos daria uma posição de destaque no mundo.

Agora, estou ajudando intensamente o Banco do Brasil, que resolveu entrar na era da biomassa, e já montamos um programa de plantar girassol em 400 mil hectares no Rio Grande do Norte. Montamos um outro programa de 12.000 famílias, pequenos proprietários rurais, em 21 municípios do Rio Grande do Sul. O Requião vai colocar a COPEL como agente dos pequenos agricultores, da agricultura familiar. O Banco do Brasil me chamou, eu até levei uma equipe do Instituto do Sol, que foi a equipe que conosco montou o Programa do Álcool, então as coisas estão surgindo assim, e o Banco do Brasil está muito disposto; e aí vem a China e quer se unir a nós, comprar álcool. A situação da China é de resolver um problema terrível do efeito-estufa. E vem o Japão, também ansioso por resolver o problema deles, para sair de baixo da pata do elefante. Porque, se o Exército americano está tomando todas as reservas de petróleo, China, Japão e Alemanha, essa gente toda, vai se dar mal. Então, eles estão começando a procurar o Brasil.

Olha a oportunidade fantástica de negociar com essa gente. E agora vem o presidente Chávez com essa visão estratégica do mundo. Nós estamos pretendendo fazer um grande programa com a ajuda do Banco do Brasil, usando o dendê da Amazônia. Nós podemos produzir dendê da Amazônia, podemos produzir cerca de oito milhões de barris por dia. Então, meus amigos, reparem que nós aqui podemos estar fazendo coisas que interessam ao mundo, num momento em que o Brasil está desaparelhado de instrumentos políticos, devido à falência de seus partidos políticos, e, nesse contexto, desponta, com um papel espetacular, o PDT, pelas suas origens, pelas suas histórias, pelos seus símbolos e seu nacionalismo do Getúlio e do Brizola.

Por que Getúlio e Brizola são tão importantes? Porque eles construíram o Brasil. Getúlio construiu o Brasil. Isso é muito importante. O povo sabe disso. Veja a comoção popular provocada pela morte do Brizola. É que eles sabiam o que Brizola representava. Agora, nós precisamos aproveitar esse ressurgir do velho trabalhismo e do velho nacionalismo, que se compõem. Os dois são duas forças descomunais: o trabalho é o homem, o nacionalismo é a soberania, soberania e homem. Aqui se compõe o papel que esse Partido pode desempenhar nesse momento em que a população brasileira mais deseja resgatar o amor pela Nação brasileira.



# **Autodesenvolvimento e Biomassa**

Marcello Guimarães

## **1. Agradecimento e Apresentação**

Em primeiro lugar quero agradecer ao PDT e seus dirigentes pelo convite. Vou falar da experiência que tenho porque acho importante para as pessoas se localizarem. Sou geólogo, fui bolsista estagiário da Petrobras por quatro anos. Depois fui superintendente da Andrade Gutierrez prospectando cassiterita e ouro na Amazônia.

Após, fui presidente de uma empresa florestal, a Acesita Energética. A empresa era do Banco do Brasil, e quando lá comecei ela tinha 600 pessoas e a deixei com 8.000. No período em que estive à sua frente, plantamos 100.000 hectares de florestas, no Vale do Jequitinhonha, em Minas Gerais e Espírito Santo, e na Bahia.

Fui para a Vale do Rio Doce como superintendente da área de florestas, onde comecei todo o projeto de plantação de florestas do Grande Carajás na Amazônia, Maranhão e Pará.

Fui secretário adjunto da Secretaria de Tecnologia Industrial do MIC com Bautista Vidal, e diretor do Introeste, uma organização de 14 prefeituras do Oeste de Minas Gerais. Posteriormente, fui diretor do DNC – Departamento Nacional de Combustíveis, hoje ANP – Agência Nacional de Combustíveis. E fui assistente do presidente da CEMIG por quatro anos.

O que importa disso tudo é que aprendi muito sobre PETRÓLEO, ÁLCOOL e BIODIESEL, o que me permitiu ter uma visão da questão mundial da energia no Brasil e no mundo; aí então

eu ficava me perguntando: por que o Brasil, esse país maravilhoso, que tem esse povo mais maravilhoso ainda, essa mistura de negros e de índios, europeus, japoneses, árabes, etc., por quê? Por que esse país com tudo para se desenvolver, não tinha se desenvolvido?... E essa pergunta me acompanhou por uns 30 anos!

## **2. Carvão mineral x carvão vegetal**

A maior surpresa minha foi então na Acesita. Comecei a plantar uma floresta que era capaz de fazer  **aço inoxidável**. Fui ver então, que **até 1800**, toda a siderurgia do mundo era a carvão vegetal. Na Inglaterra, onde o aço era o melhor do mundo, depois da Suécia, esse aço era espetacular, porque era a carvão vegetal. Ele não tinha fósforo nem enxofre, não tinha nenhuma impureza. O carvão vegetal era tão importante que, na Inglaterra, quem derrubasse uma árvore, poderia ser condenado à morte, se não tivesse a autorização do rei. Era um IBAMA bem mais “brabo” que esse que temos aí... Fui então verificar esses dados. Até 1800 a energia no mundo era uma energia dispersa. Pequenos moinhos d’água, os rios, o vento, a tração animal e a floresta. Só que as florestas de lá, na região acima do Trópico de Câncer, cresciam muito lentamente. Vou mostrar aqui o exemplo de uma floresta na Suécia, com 10 anos, considerado padrão. Com 10 anos, a árvore está com 1,80m de altura; no litoral do Espírito Santo, tivemos árvores que com um ano tinham 10 metros de altura.

## **3. Doenças tropicais**

Eu não via o porquê de o Brasil, com essa potência florestal, essa exuberância de vida, não ter ainda se desenvolvido e por que não utilizávamos a floresta como fonte energética. Foi aí que encontrei aquele quadro que mostrei ali no filme, que são as doenças tropicais. As doenças tropicais nos obrigaram a ficar no litoral. E nós podemos ver, como fala o Vianna Moog, somos a civilização do caranguejo, sempre voltada para a Europa. Mas não é isso; não podíamos penetrar no interior do Brasil, porque quem penetrava no interior do Brasil, morria mesmo, com malária, ou esquistossomose, ou febre amarela ou outra qualquer.

Lembro-me que em 1961 minha turma de geologia tinha duas opções: um estágio nos pegmatitos em Governador Valadares no Rio Doce, onde se produz pedra preciosa, um lugar muito interessante, ou ir para o Recôncavo Baiano. A minha turma optou pelo Recôncavo Baiano, com medo da malária no Rio Doce. Outro exemplo foi que em 1969, quando fui trabalhar para a Andrade Gutierrez, fui para o **inferno verde**, a Amazônia era o inferno verde. Antes de ir tomava antimaláricos, remédios fortíssimos, e tinha muito medo da Amazônia.

Então essa questão me mostrou claramente que havia uma defasagem energética: essa conjugação da **exuberância de vida** de um lado com a **vida orgânica** do outro, era também a exuberância de micróbios, de bactérias, de doenças, e que nós não havíamos conseguido conjugar essas duas coisas. E quando se derrubava a mata, derrubava-se para queimar, para matar o **mosquito**, porque havia o medo de **doença tropical**.

#### 4. A cidade industrial e megalópoles

A outra questão básica é que, a partir de 1800, a mina de carvão gerou a grande industrialização do mundo, quer dizer, junto da mina montou-se a indústria siderúrgica, e, junto da mina e da indústria siderúrgica, montou-se a cidade industrial. Vimos então, **a mina de carvão, a indústria siderúrgica, a indústria mecânica, a indústria de armamento, a indústria naval, tudo num conglomerado**. Aqui, outra grande surpresa: **90% do carvão mineral coqueificável** está acima do Trópico de Câncer. **O carvão coqueificável gerou a cidade industrial**. E gerou a luta de classes (como costume brincar com Giba). Se não tivesse o carvão, dificilmente Marx veria a luta de classes. O carvão mineral gerou a cidade industrial, mas não gerou o imenso conglomerado urbano, que é a megalópole. Como surgiu a megalópole?

Se nós olharmos os Estados Unidos em 1960, cerca de 55% a 65% da população americana estava no campo. Em 1960, depois da **Segunda Guerra Mundial**. A partir de 1960 é que a população americana foi para a cidade, porque a partir daí, é que realmente

o petróleo entrou pra valer na área agrícola, porque além do automóvel, já existiam, desde 1900, caminhões, depois o trator e os tanques. O campo só foi esvaziado com os **adubos nitrogenados**. Antes dele o pequeno agricultor conseguia competir com o grande. Depois do adubo nitrogenado, depois da Segunda Guerra Mundial, e a disseminação do **sulfato de amônia**, aí o pequeno produtor agrícola acabou de vez.

Hoje, nós temos uma população mundial, desde a China, a Ásia, a América do Norte, a América Central, o Brasil, todos dependendo de um insumo químico, que é o sulfato de amônia, e que, para ser produzido, precisa do equivalente a dois quilos de petróleo ou quatro quilos de carvão mineral. Então eu brinco que, ao acabar o petróleo, a cidade vai parar lentamente. Mas o campo vai parar primeiro, porque hoje o agricultor não sabe mais produzir sem o sulfato de amônia, uréia, ou equivalente o adubo nitrogenado. Então a fome virá rapidamente, disso eu não tenho dúvida. Essa é a informação mais estratégica que eu consegui absorver nesse meu período de estudos e experiências.

### 5. Energia concentrada

Mas essa característica da energia fóssil, do carvão mineral, e depois do petróleo, tudo isso é biomassa, só que biomassa fóssil, uma energia fundamentalmente **concentrada e concentradora de poder e de população**. Inclusive a energia hidroelétrica tem essas características. Seguindo esse modelo, as hidroelétricas são feitas com grande aproveitamento para já levar a energia a um grande conglomerado urbano. Mostro aqui no mapa de Minas Gerais que as grandes hidroelétricas estão no sul de Minas, e todo o norte de Minas está totalmente abandonado, porque não tem hidroelétrica nem tem massa populacional para receber uma grande carga dessa energia elétrica.

Verificamos, então, que a energia fóssil que, como disse, é também biomassa, é fundamentalmente energia que vai produzir nitrogênio. Mas o nitrogênio vem também dos raios e de plantas leguminosas que retiram o nitrogênio do ar, além de microorganismos livres que também o retiram do ar. Então, esse potencial de



nitrogênio que deu essa vida orgânica básica, ele depende fundamentalmente das tempestades, das chuvas tropicais. Estou enfatizando isso para dizer o seguinte: a biomassa fóssil, essa energia que ficou concentrada nas grandes jazidas de carvão mineral, e nas grandes jazidas de petróleo, é uma **energia totalmente concentrada**, e que levou à **concentração de população e de poder**. Criou a agricultura moderna, totalmente dependente dela.

## **6. A biomassa agrícola e as florestas**

**A biomassa:** O que nós chamamos de biomassa?

Ela é agrícola e florestal e, dentro da biomassa, podemos fazer uma outra divisão: ela é uma **biomassa energética** ou uma **biomassa de alimentos**. A biomassa agrícola energética (a biomassa energética de forma agrícola), é fundamentalmente a cana, a mandioca, o dendê, e algumas outras que vêm surgindo por aí, como a mamona, que é importante, mas que depende de nitrogênio demais para se produzir. No primeiro ano dá um cacho grande, no segundo ano já diminui e aí é preciso usar adubação nitrogenada pesada senão não produz mais. Já fizemos isso, tentamos plantar mamona industrialmente na Acesita Energética, mas não é barato.

Dentro da energia da biomassa nós temos a agrícola: a cana-de-açúcar, a mandioca, o dendê e temos ainda a energia da biomassa florestal. Com a biomassa energética, nós produzimos todos os combustíveis de que precisamos e, fundamentalmente, produzimos o álcool na parte líquida. Mas na parte sólida nós podemos produzir o carvão vegetal. E esse carvão vegetal pode ser produzido de uma forma limpa e renovável, criadora de empregos, totalmente adequada ao homem, ao trabalho do homem. **A biomassa florestal** pode produzir **eletricidade** em pequena ou larga escala.

## **7. Energia democratizante – descentralizada**

A característica principal da biomassa é que ela é descentralizada. Então, eu digo que nós estamos vivendo o início de uma nova era, onde a **energia conduz a um processo democratizante**; a energia da biomassa é a única energia (e ela é inexoravelmente o futuro) que

leva a um novo modelo político, descentralizado. Nós podemos produzir álcool ou floresta energética em qualquer parte do trópico, especialmente no **Brasil**, porque no trópico, a principal característica é a abundância de sol, esse reator nuclear a fusão limpo e sem perigo para nós, pois está a 145 milhões de km da terra. Mas além do sol é preciso ter água; além da água é preciso ter solo. E é preciso, principalmente, ter extensão geográfica, e ter unidade política.

Então, a proposta da biomassa, descentralizada, eu acho que é a proposta mais estratégica para um partido caminhar para um **Brasil soberano** porque ela leva a uma ocupação do território. Nós podemos produzir biomassa no Acre, em Roraima, no Rio Grande do Sul, em qualquer estado do Nordeste, de uma forma descentralizada. A descentralização é tal que onde tem dois hectares de cana se pode fazer álcool. E produz leite, carne e tem adubo orgânico. Vamos falar disso daqui a pouco.

Mas, paralelamente, como esse projeto leva a uma democratização, ele pode levar a uma pulverização, portanto, há necessidade de uma ação central, coordenadora de governo. Na época do golpe de 1964, eu também fui preso, fui para os garimpos do rio Indaiá, MG. Naquela época, sobretudo depois da guerrilha do Araguaia, o Exército não deixava fazer essas unidades pequenas, porque isso gerava uma autonomia local, e quem começa a ter autonomia, começa a ter independência. Então eu acredito que, dentro desse projeto político, estratégico, de ocupação do território, tem que ter as forças de unidade nacional, ter um partido, ter as Forças Armadas, ter o Banco do Brasil forte, tem que ter a Petrobras forte, porque, se nós não tivermos essas estatais para fazerem essas junções, nós vamos ter muitos brasis. Vamos ter um Brasil dilacerado.

## **8. Deseconomia e desecologia de escala**

Com essa visão de energia descentralizada, democratizante, nós temos que ter essas forças de coesão. Felizmente a energia da biomassa, além de ter esse germe da democratização, tem duas vantagens fundamentais: **primeiro ela não tem uma economia de es-**

**cala.** Não adianta fazer *plantations* com a biomassa. Quem tenta ou está tentando, vai levar porretada lá na frente. Pode ser que eu esteja enganado, mas acredito que ela não tenha uma economia de escala. A microusina com que eu trabalho na minha roça produz álcool a 50 ou 55 centavos de real por litro. Não tem uma grande usina que produza nesse preço. E tudo com mão-de-obra braçal e tração animal. Em qualquer lugar do Brasil você pode produzir álcool a esse preço: de 50 a 70 centavos por litro. Em segundo lugar, além de ela ter **a deseconomia de escala**, ela tem um fator moderno muito mais importante. **Ela tem descologia de escala.** Se você aumenta a área plantada, aumenta também os problemas. Todos os problemas ambientais relacionados com a monocultura.

A única solução que temos para ocupar todo o território nacional, ocupar a Amazônia imediatamente, de uma forma ecológica, ambientalmente correta, é produzindo floresta energética e plantando cana ou mandioca para produzir álcool dentro da grande mata, continuando as investigações e pesquisas sem derrubar uma castanheira, mogno ou pau-rosa. Temos que ocupar a Amazônia logo, antes que outros ocupem, com a fraude de transformação em patrimônio da humanidade.

Na época da Andrade Gutierrez, eu tinha um avião à disposição e visitei todos aqueles grandes projetos pecuários da Amazônia, e estava tudo sendo desmatado. Era proibido derrubar castanheira, mas eles “bloqueavam por baixo”, tocavam fogo, então chegamos a ter áreas com mais de 30 árvores brancas por hectare que eram castanheiras que tinham sido queimadas por baixo e morreram.

A ocupação da Amazônia é então uma urgência para nós, e essa ocupação pode ser feita via biomassa em cada ponto da Amazônia, fundamentalmente para se ter energia em cada local daqueles. O que se precisa é que seja ocupado de forma científica, racional, consciente e soberanamente política.

## **9. A biomassa no Rio de Janeiro**

Considerando então que a biomassa gera um projeto estratégico, eu queria falar um pouco de como eu vejo a biomassa

nesse conjunto do Rio. Falo muito de Minas Gerais, mas infelizmente, “santo de casa não faz milagre”.

Considero hoje, em nível de Brasil, que o Rio de Janeiro é a área mais privilegiada de todas. O estado do Rio de Janeiro tem uma oportunidade única no Brasil de hoje. Isto porque tem as grandes reservas de petróleo e junto delas tem a Petrobras que é vital para a ALCOOLQUÍMICA, porque o álcool é um petróleo limpo. Do álcool fazemos borracha, plástico e adubo hidrogenado. Há um estudo do Centro de Pesquisa da Petrobras mostrando que um hectare de cana dá de superávit energético cerca de 4.000 quilos de sulfato de amônia. O Rio de Janeiro tem, então, o petróleo, tem a Petrobras e tem a área viável para a cana em todo o estado, e mais importante de tudo: tem o **mercado interno. Gente não é problema, gente é solução.** O estado do Rio tem tudo. Eu acho que é a concentração do mercado interno maior que temos no país. Em São Paulo tem um mercado industrial, mas depende do país todo. O Rio pode se constituir numa grande oportunidade de mercado. Nessa oportunidade é que nós temos que pensar.

A Petrobras, paralelamente com os projetos de petroquímica, teria que começar os projetos de álcoolquímica. É muito mais fácil produzir plástico do álcool do que do petróleo. Paralelamente, parte do lucro do petróleo tem que ser reinvestido na biomassa em projetos descentralizados, porque quando falo na biomassa estou pensando em projeto de dois a quatro hectares de cana, e um hectare de floresta plantada. Esses são os projetos da biomassa de forma descentralizante. Nesse conjunto, tudo o que estou falando pode ser feito com mão-de-obra intensiva. Pode e deve, mas isso não significa que não se esteja trabalhando com altíssima tecnologia disponível.

Na Florestal Acesita, hoje Acesita Energética, só para dar exemplo, enquanto adotávamos o corte da lenha com machado, e o transporte com o burro, nós estávamos fazendo a usina de gaseificação da madeira mais avançada do mundo. Paralelamente, com o uso da mão-de-obra intensiva, uma organização e, principalmente aqui, onde tem essa facilidade do Centro de Pesquisas da Petrobras, podemos usar as tecnologias mais avançadas.

Terminando, queria dizer que a proposta com que eu trabalho não é só uma proposta de biomassa, não é só uma proposta de trópico, ela é uma proposta de **autodesenvolvimento**.

### 10. Autodesenvolvimento

Se nos lembrarmos bem, foi em 1964, ou fins de 1963, que o Brasil formulou a sua política de relações internacionais com Santiago Dantas, que hoje fazem sucesso e dão credibilidade ao Brasil no mundo inteiro. À não intervenção, à autodeterminação dos povos, faltou o **autodesenvolvimento**. Acho que o PDT tem já uma tradição de luta, de conhecimento da soberania nacional, porque esse negócio de cidadania sozinho não existe. **Cidadania sem soberania é brincadeira, não existe**. Cidadania com soberania, soberania com ocupação do território sim; esse negócio de desenvolvimento sustentável, onde se castram homem e mulher para não ter gente, não dá. O Brasil precisa de 500 milhões de pessoas para ocupar seu território. Senão “eles” é que vão ocupar.

É fundamental, nesse conjunto, que nós pensemos nessa possibilidade do autodesenvolvimento. Qual a diferença de desenvolvimento sustentável para autodesenvolvimento?

É que para o desenvolvimento sustentável quanto menos gente melhor, porque sobram recursos naturais para eles. Isso é política do Departamento de Estado norte-americano: desenvolvimento sustentável. A AIDS para eles é uma beleza, porque quanto mais matar o pessoal na África, mais vai sobrar território, mais recurso natural. Então quanto mais esterilização de homem e mulher no Brasil, melhor para eles, aí eles podem fazer *plantations*, porque ninguém vai brigar nem alterar nada.

Então, o **autodesenvolvimento** leva a um projeto político onde a **prioridade é o homem autodesenvolvido**. Dentro desse conjunto de autodesenvolvimento, temos uma proposta de comunicação porque, estou convencido, não há nenhuma chance de o País, hoje periférico, colonizado, fazer um enfrentamento com as grandes potências, sem um projeto soberano de comunicação.

## 11. Autodesenvolvimento x comunicação

A revista de comunicação das idéias, o panfleto para publicar essas idéias rapidamente, principalmente no caso do PDT, é preciso ter o que chamo de **Cooperativa Tropical de Notícias**. Nós não podemos, as rádios, os jornais de bairros, de igrejas, de sindicatos, ficar repetindo as agências internacionais de notícias. **São todas notícias contra nós**. Temos então que criar as nossas próprias agências de notícias para informar aquilo que queremos para construir o Brasil. Nesta questão, acho que a biomassa tem o germe da democratização, ela tem o germe da liberdade, mas isso não basta, por isso é que eu disse que esse germe pode levar à pulverização, se não tivermos grandes unidades profissionais para concentrar. Para as massas isso tudo pode passar despercebido. Portanto, se não tivermos um partido organizado e forte, com um programa de longo prazo, nada disso acontecerá.

## 12. O PRONAL

Por isso é que temos procurado gente que comece a aprender como se faz energia, como o programa que eu propus em 1993 quando era diretor do DNC (hoje ANP), chamado PRONAL, álcool e leite. Ao mesmo tempo em que se produz álcool durante 200 dias da seca, temos outro produto da cana; temos o bagaço com açúcar, temos alimentação para o gado; tendo alimentação do gado, temos leite, temos carne. Com o gado estabulado, temos o esterco e a urina que vão produzir o **adubo orgânico**. Temos, então, um ciclo completo de **AUTODESENVOLVIMENTO**.

Isso pode ser feito em qualquer parte do Brasil, com mão-de-obra não especializada; uma microusina dessa pode ser feita em qualquer oficina de serralheria do Brasil. Por isso é que eu acho que a biomassa tem o germe da liberdade, da democratização, que a energia fóssil não tem. A energia fóssil exige economia de escala, gera a poluição. A biomassa não. Ela é adequada ao meio ambiente. Na medida em que se têm pequenas propriedades no Brasil todo, produzindo economicamente, aí você pensa que isso é uma idéia utópica! É tão **utópica** que tenho uma lá na roça produzindo álcool. Tem cinco carros rodando com o que eu produzo. Portanto, a usina

é pequena. É claro que ela foi muito pensada: **são quatro a cinco hectares de cana para movimentar quatro ou cinco carros**. A possibilidade está aí disponível. Já fui militante do PT, hoje estou no PV. Na verdade, tenho falado com Giba (Gilberto F. Vasconcellos): estou muito descrente da forma partidária. Não se consegue ter um programa coeso que tenha unidade no tempo e no espaço. Então é isso que eu estou propondo para contribuir com energia para o PDT.

### 13. A reforma agrária

Quanto à **reforma agrária**, essa é uma questão que se discute demais. Acho que essa ocupação pelo pequeno produtor vai gerar reforma. É uma visão um pouco diferente porque, às vezes, sinto de uma forma um pouco inadequada. Estive em Havana quatro vezes, fiz uma microdestilaria em Las Tunas a 700km de Havana. E o que eu encontrei em Cuba? Cerca de 70% da terra agricultável de Cuba é planície de cana, é do Ministério do Açúcar, e 30% é do Ministério da Agricultura, e são terras ruins, salinas, pantanosas, acidentadas. No entanto, esse Ministério do Açúcar, que produzia na época cinco ou seis milhões de toneladas de açúcar, não quis de maneira nenhuma ouvir falar do autodesenvolvimento, nem ouvir falar em produzir energia da cana-de-açúcar. Por quê? Porque eles não queriam mexer na exportação do produto que era um negócio daqueles administradores, a maioria financista, que queria ir para Moscou, para a praia, vender açúcar, comer caviar, viajar internacionalmente e voltar, e o povo que se danasse!

Não basta ter o poder de fazer a reforma agrária. Não faz. Hoje sou produtor rural, não tem nada que eu consiga produzir que me faça competir com o mercado, nada! Nem arroz, nem feijão, nem milho. A única coisa que eu consigo produzir é a energia, é álcool. Mesmo assim, o **PRONAL**, que foi proposto em 1993, quando já tinha um decreto anterior do Aureliano Chaves, sobre a **Microdestilaria**, foi vetado. Não foi possível vender álcool, é proibido o pequeno produtor vender álcool.

Deram todas as razões lógicas, racionais: o álcool queima, o álcool ocasiona desastres, faz isso e mais aquilo, mas isso não tem

nada a ver. Quer coisa mais perigosa do que eletricidade? No entanto, o homem teve que aprender a lidar com isso. Como é que eu vou colocar o álcool no motor do meu carro sem controle? O procedimento tem ajuda de um alcoômetro, que é um pequeno aparelho, semelhante ao termômetro, que mede o teor alcoólico no momento de introduzir o combustível no carro. Não colocam o álcool no carro, mas colocam o leite no estômago de uma criança, e isso não tem problema, todo mundo faz. Isso que eu exponho é para enfatizar o tamanho das forças contrárias. Mas para dizer também que, na medida em que o pequeno produtor produz sua energia ele produz também seu alimento, passa a não depender das estruturas do governo. Não que o governo não deva ter estruturas, ao contrário, tem que ter Estado, pois acredito que sem **Estado forte** não tem jeito, vira anarquia. E o partido é a forma de assumir compromisso com um projeto de soberania, com Forças Armadas preparadas.

Ah! Você é amigo do general!... Não! Em 1964, tive que largar meu emprego, minha profissão e fui preso. Mas foi nessa época que se fizeram muitas estatais, época em que se deu a consolidação da Petrobras, da Vale, para depois esse pateta, pateta não, esse inteligentíssimo Fernando Henrique Cardoso, entregar tudo aos estrangeiros. Disso nós temos conhecimento, o que torna o acontecimento mais grave.

Essa microdestilaria que foi para Cuba foi financiada pelo INCRA. Ela foi fabricada por Fernando Leite Ribeiro e nós fomos para lá, implantá-la. Então, essa questão é puramente política no sentido amplo da palavra. Se o governo federal não quiser implantá-la, então pode ser um estado ou uma prefeitura; é preciso ao menos ter uma população querendo, é preciso ter uma comunicação, uma agência de notícias nossa, sendo isso muito simples. Vamos usar a tecnologia que eles mandaram, a Internet, e vamos criar uma agência, e nos comunicar. Se há uma informação que vem do PDT, eu conheço a origem, e sei que tem uma proposta firme e que não fica por aí repetindo o que as agências internacionais dizem contra nós.



#### 14. A microdestilaria

Quanto à microdestilaria, existe uma questão fundamental, aliás, existem muitas, mas vamos dizer apenas essa: é que esse álcool eu produzo 100 ou 200 litros por dia e o armazeno. Ele é um produto químico que pode ficar 10, 20, 30 anos armazenado. Ferola (Brigadeiro Ferola) disse: “esse negócio do Marcelo só dá para pequenos, não resolvendo o problema dos grandes consumidores, grandes cidades, etc.” Tem algumas cidades de Minas Gerais como Montes Claros, que usam por dia 200 mil litros de leite. É então muito fácil produzir nesse mesmo local 400 mil litros de álcool por dia. Minas Gerais produz cerca de seis bilhões de litros de leite por ano, consome um bilhão e 200 milhões de litros de álcool, importando metade desse álcool de São Paulo. Minas então poderia estar, juntamente com os seis bilhões de litros de leite, produzindo 12 bilhões de litros de álcool, que é a produção brasileira atual.

#### 15. A reserva de petróleo do Brasil

Quando cito esses bilhões de litros, é essencial tocar em uma questão até agora não abordada, uma peça fundamental, a **reserva brasileira de petróleo** (peça fundamental). O Brasil teria hoje uns 16 bilhões de barris de petróleo; considerando, por exemplo, que o consumo médio dos EUA hoje é de oito bilhões de barris por ano, então essa reserva brasileira daria para dois anos, se a economia brasileira fosse semelhante à americana; a China chega a quase seis bilhões por ano, é possível concluir que nós não temos petróleo. Temos então que aproveitar essa transição para entrar na biomassa, porque somos o único país do mundo que pode liderar a energia da biomassa, o único!

Para mim, ao invés de pensar em auto-suficiência em petróleo e em consumir nossas reservas em 10/20 anos, o melhor seria pensar em ter a Petrobras por mais 100 anos, a Petrobras do petróleo, da petroquímica, da alcoolquímica, a Petrobras que liderará esse processo no mundo, pois ela tem tudo para dar certo.

Na verdade, quando falei sobre a quantidade que Minas poderia produzir com microdestilarias, sendo que essa ultrapassa a quantidade que o Brasil pode produzir hoje, mostrei que o problema de

quantidade não existe. Gostaria de enfatizar também outra coisa, a questão do emprego, emprego este em todos os níveis, pois, ao contrário do que possa parecer, as microdestilarias não oferecem apenas trabalho braçal, mas também emprego de alta tecnologia – **tecnologia de ponta e não ponta de tecnologia** –, afinal a alcolquímica está aí para ser desenvolvida.

É importante que compreendam que não estou contra a refinaria ou os grandes projetos petroquímicos. O que eu acho é que paralelamente ou alternativamente existem outros caminhos. Por exemplo: para que eu faça uma refinaria da ordem de 100 mil barris por dia, eu preciso de um investimento de mais ou menos um bilhão e meio de dólares. Mas a refinaria só transforma o petróleo, ela não descobre, e descobri-lo também não basta. Primeiro tem que ter a jazida, depois plataformas de 500 ou 600 milhões de dólares, e depois a refinaria. Essa refinaria vai criar sete mil empregos diretos (talvez menos). Com esses mesmos investimentos, esse mesmo um bilhão e meio, podemos construir 100 mil microdestilarias. Só que criamos um milhão de empregos diretos, 500 mil na área agrícola e os outros 500 mil em pequenas oficinas de serralheria. Além do mais, é preciso destacar que a refinaria será montada em áreas urbanas congestionadas, enquanto as microdestilarias seriam dispersas pela área rural. Essa é a diferença. Tudo adequado ao meio ambiente, distribuído pelo país, tanto em áreas rurais como urbanas. Essa microdestilaria pesa 600kg, você pode colocá-la na caminhonete e transportá-la para qualquer lugar, e produzirá álcool a 94 graus GL, podendo colocar no carro direto.

Eu já procurei o MST e tenho colaborado com o movimento perto de Betim, no assentamento Don Orioni. Agora, o que me admira é que os dirigentes (não digo aqueles de primeiro escalão) já foram até a minha fazenda e falaram que aquilo seria transformado no maior movimento do MST no Brasil, no entanto, até hoje não aconteceu nada.

## **16. A comunicação**

Tenho uma colega, a Regina Mota, que trabalhou comigo na Florestal Acesita e hoje é diretora na área de comunicação da

UFMG, que me perguntou: Marcello, onde está a questão da biomassa na universidade? Eu pedi a ela que procurasse saber onde está essa questão na universidade.

Após uns dois meses, ela me procurou e disse que havia procurado na parte de Engenharia Química, Economia, mas não tinha encontrado e voltou a pergunta para mim: e você, onde acha que está? Eu respondi: a biomassa está na área de comunicação; está na sua área! Vou dar um exemplo; nós ouvimos a toda hora falar “carro elétrico é a solução!”, “hidrogênio, o combustível da modernidade produzido pela célula de combustível!”. Aí eu fui ver como isso era feito e para surpresa minha o melhor combustível para essa célula é o etanol, o **nosso álcool**. Então, por que eu vou pegar o etanol que é nosso combustível e retirar dele o hidrogênio através de um processo complicado que requer alto investimento, se eu já tenho o etanol que eu coloco no carro e ele funciona maravilhosamente?!

São esses os absurdos que falam por aí. Por exemplo: poucas pessoas sabem que os americanos produzem um milhão de carros a álcool por ano, enquanto nós, brasileiros, temos um total de três milhões de carros a álcool e o que é pior, se o programa de renovação de frotas cujo objetivo era sucatear todos os carros com mais de 10 anos viesse à tona, acabaria com o programa de álcool no Brasil.

E tem mais um problema: O álcool que os americanos produzem é de milho, e além do mais, sem adubo nitrogenado não há milho e sem petróleo não tem esse adubo nitrogenado. Então esse é um programa dependente do petróleo. Acaba o subsídio e o petróleo de graça, então se eles não tomarem o resto da Arábia Saudita, não tem milho nos EUA, não tem álcool nos EUA, não tem vez para os Estados Unidos. A cana depende desse reator nuclear, a fusão, que está a 145 milhões de quilômetros daqui. *Royalties* para o Batista Vidal.

Como curiosidade: nós temos que dar uma volta em torno do sol por ano, 145 milhões de quilômetros de raio dá um total de 800 milhões de quilômetros por ano. E cada dia, só para termos uma idéia desse lugarzinho nosso, andamos dois milhões de

quilômetros. São conceitos científicos, e creio que isso é o que nos falta, temos que ter essa possibilidade imensa de nosso tempo, essa criatividade, os instrumentos estão aí, a natureza é abundante, mas o essencial mesmo é a mistura de gente, é a solidariedade, a paciência. Eu não estou trabalhando contra ninguém, mas tenho uma proposta, não quero perder tempo com nenhum partido, ministro, nada. Quero apenas trabalhar nele e construí-lo, é isso que temos que fazer.

Enquanto nós tivermos petróleo, iremos ficar usando-o, todo mundo ficará. As pessoas, por mais humildes que sejam, devem construir o seu futuro, tomando cuidado para não centralizar, buscando outras opções, senão irão se tornar apenas um brinquedo na mão dos internacionais. Veja o caso do transporte do petróleo: a frota americana está no Golfo Pérsico, e nada sai de lá sem sua permissão. Temos que saber disso. A França não tem petróleo, ele não chega. Como pode chegar petróleo no Japão sem a proteção americana?

### **17. A criação de empregos**

Agora, deixaremos isso de lado para **construirmos o nosso futuro com a nossa energia, a energia do homem e da nossa terra, o que podemos fazer rápida e pacificamente. Isso é importante, esta energia é pacífica, descentralizada e democratizante.**

O Canadá está tentando se livrar de uma central nuclear, mas é impossível, é caríssimo. Veja a França, 74% dos franceses consultados têm como maior medo um acidente nuclear. Onde tem uma central nuclear, tem uma bomba atômica armada, tem um terrorismo armado em potencial. Jogou um míssil ali, acertou, pronto. A *Tribuna da Imprensa* mostrou que aquela principal central nuclear americana, que ficou quatro horas com os computadores fora do ar, poderia ter sido o maior desastre nuclear do mundo se ficasse por mais uma hora naquela situação.

É a civilização solidária dos trópicos que nós estamos propugnando há tanto tempo. Isso é luta, trabalho, mobilização e conscientização. Um partido é o único instrumento para se fazer isso. Já estamos repletos de ONGs, que são em sua maioria organizações,

financiadas por multinacionais, interessadas na nossa botânica, na nossa zootecnia.

### **18. A questão do ouro**

Eu quero só fazer um comentário sobre uma questão. Teve uma época em que os jornais publicaram que os japoneses assumiriam toda a dívida brasileira em troca do direito ao ouro da Amazônia. Eu participei de uma prospecção de mais ou menos dois bilhões de hectares na Amazônia. Todo campo de pouso, de helicóptero ou de monomotor, eu tive a oportunidade de conhecer. Eram todos em regiões de ocorrência de ouro. Se observarmos, chegaremos à conclusão de que o Brasil é o único país do mundo que pode ter uma moeda lastreada em ouro.

A China está desenvolvendo atualmente um projeto de poupança de ouro com o cidadão. É um programa chinês para valorizar a jóia, fazendo com que cada um tenha seu ouro em casa, guardando-o, pois esse patrimônio é o que eles querem para o futuro. O ouro é o único metal que, além do valor nos bancos centrais do mundo todo, ainda é o melhor condutor elétrico, e não é a toa que a IBM é a maior consumidora de ouro do mundo na atualidade.

Voltando à prospecção da Andrade Gutierrez, tínhamos duas opções, trabalhar com ouro ou com cobre, e optamos pelo ouro. O Brasil tem realmente as maiores reservas de ouro do mundo. Mas infelizmente parte desse ouro está nas mãos da Vale, que foi “doada” pelo presidente FHC. A África do Sul está acabando com suas jazidas, decrescendo suas reservas.

O Banco do Brasil e a Caixa Econômica deveriam fazer a poupança-ouro. Cada um guarda o seu. Infelizmente, quando vejo esses programas na televisão, mostrando roubos, assaltos, as pessoas ficam com medo, deixando tudo nas mãos de agiotas, a impressão que passa é que esse tipo de programa é promovido por banqueiros. Se pegar um cheque especial qualquer, os juros estão por volta de 9 a 10%.

O cooperativismo e o associativismo são os melhores instrumentos que temos. Vejamos o exemplo de Minas Gerais. Nós

temos a CCPL (Cooperativa Central de Produtores de Leite), na verdade a cooperativa virou uma propriedade privada do seu presidente. A Itambé deixou de ser uma cooperativa dos produtores para ser uma propriedade privada, com o mesmo comando há mais de 30 anos. Seu presidente juntou 34 cooperativas, financiou a direção de todas elas, e a eleição dele, o presidente, depende delas. Então esses instrumentos são todos iguais, importantes, mas podem ser usados para o mal. Quando penso nessas coisas menores, associações locais, estou pensando em processos democratizantes. Eu acredito **nesse processo** e em coisas que vão sendo gradativamente construídas.

### 19. A floresta superdensa

Quando, em 1973, iniciamos na Acesita o maior projeto de plantação de eucalipto do mundo, começou a aparecer nos grandes jornais do país a propaganda contra o eucalipto, pois os produtores de celulose sabiam que a fibra desta planta iria dominar o mercado mundial de celulose, monopólio deles. Nós estávamos começando, e eles queriam acabar? Aquilo me remeteu aos países nórdicos, que produziam celulose de fibra curta e precisavam de 10 anos para uma árvore crescer um metro e pouco. Vi logo que era uma organização internacional contra a produção de biomassa de fibra curta, para fazer papel nos trópicos.

No Espírito Santo, nós chegamos a ter eucaliptos que cresciam 10 metros em um ano. Aí, eu vi claramente que teria que enfrentar essa questão de esgotamento de solo, problema de pássaros, problemas da raiz, e para isso contratamos, em Piracicaba, um pessoal que estava na liderança desse assunto. Verificamos então algumas coisas com relação ao eucalipto. Primeiro, havia um estudo da Universidade de Stanford, mostrando que se o Brasil produzisse eucalipto, poderia liderar o mundo em questão de energia, porque a melhor conversão da energia solar em energia química era pelo eucalipto. Verificamos que grande parte da **eficiência do eucalipto** era devido à posição da folha. **A folha do eucalipto na maior parte do dia fica na posição vertical, e possui estômatos dos dois**

**lados da folha. Assim, em qualquer direção do vento, ela absorve CO<sub>2</sub> e, com a nossa abundância de sol, era imbatível.** Isso significa que é a melhor eficiência energética, por uma planta. Tudo em função do trópico, mas isso não bastou. Tivemos ainda que verificar por que havia esse esgotamento do solo.

Fizemos, então, muitos testes e verificamos que 99% do que era retirado do solo em forma de biomassa, eram água e carbono, e a quase totalidade dos nutrientes voltava ao solo, via folhas que caem. Quando fiz uma exposição recente, trinta anos depois, os argumentos vieram da mesma forma. Estava advogando o que chamo de uma **floresta superdensa**. É o meu projeto em andamento. As pessoas dizem assim: o eucalipto precisa de seis anos para dar o primeiro corte, o eucalipto esgota o solo e tira os nutrientes. A usina de álcool tem uma microcaldeira que consome meio metro de eucalipto por dia. Precisei então resolver essa questão de biomassa, senão, quando fosse para a Amazônia, iriam dizer: vai destruir a Amazônia com essa caldeira!

Fiz o seguinte, e pude verificar o resultado: em vez de plantar uma floresta com 1.500 árvores por hectare (que é o padrão que está por aí), esperar seis anos para dar o primeiro corte, fiz uma florestinha, com 20.000 árvores por hectare, e me propus a cortá-la a cada ano. Agora, experiência feita, a floresta está plantada, e com um ano já estava com cinco metros. Fiz o primeiro corte com um ano e, agora, depois de três meses, ela já está com quatro metros de altura. Depois vou poder dar o segundo, o terceiro corte, etc. Essa madeira foi para a caldeira. A cinza retornou à florestinha com seus nutrientes.

A África do Sul está plantando, cortando e recortando eucalipto há 50 anos. Isso não acontece nas zonas temperadas. Não estamos inventando, é uma realidade. O *pinus* tem que ser plantado, ele não rebrota. Aqui não, a aroeira-do-sertão, não sei se vocês conhecem, é uma madeira que dura 100 anos. Tem um programa de mestrado ou doutorado, não sei bem, que diz que essa aroeira-do-sertão está em extinção. O estado de Minas Gerais tem sete milhões de hectares de aroeira-do-sertão. São sete milhões em 55 milhões de hectares que Minas Gerais tem de área. Conselheiro Pena, em MG, considerou a

**aroeira-do-sertão** inimigo número um do município porque ela é invasora e para fazer a pastagem é necessário roçar essas aroeiras quatro vezes por ano. Baseado nesse mestrado ou doutorado que citei antes, a Globo gastou cinco minutos para **defender a não extinção da aroeira-do-sertão**. Muito bem; estou falando disso para insistir no seguinte: **no trópico o problema não é desmatar, o problema é destocar e fazer pastagem**. Isso significa que quando tiramos a planta, arrancamos a raiz para plantar o capim brachiaria, aí eliminamos a floresta. Mas se cortamos a floresta, aqui no trópico, **ela rebrota**, e não gasta mais que oito ou nove anos para cortar de novo. Minha experiência mostra que posso cortá-la de novo dois anos depois, até um ano depois.

## 20. O nitrogênio

A questão do nitrogênio é mais ou menos a mesma coisa; é só compararmos como funciona num país tropical, e na zona temperada, a questão da pastagem. Já fui criador de gado e de porcos, então é coisa que eu vivi: tinha uma conversão de ração em carne de porco de 2.2 a 2.3. O máximo que a Inglaterra e os americanos conseguiram foram 3/5 de ração para dar 1 kg de carne, e eu tomava prejuízo! Tudo dava negativo! Não era possível. Depois tudo ficou claro para mim de acordo com essa questão do **reator nuclear** a 145 milhões de quilômetros, o sol. Quando fui fazer um estudo do nitrogênio, na época em que fizemos o balanço da energia na Acesita Energética, balanço de materiais, balanço econômico (dos quais eu tenho um trabalho), verifiquei que não tinha nada igual à cana ou ao eucalipto, em termos de “superávit” energético.

Quando peguei o estudo do nitrogênio, que mostrava que com um hectare de cana dando 70 toneladas por hectare (hoje tem lugar que dá o dobro:150 toneladas), dava um “superávit” energético de quatro mil quilos de sulfato de amônia por hectare, disse: não é possível, a mentira é generalizada. Se esse hectare de cana, eu transportá-lo com burro ou com boi (estou usando a forma mais rudimentar possível), mas pode ser com trator, moer a cana, não vou fazer como os grandes usineiros, que tiram 99% do açúcar da cana; vou tirar só 65% do açúcar



da cana. Esse bagaço tem que estar com açúcar, porque eu vou picá-lo para que ele vire uma ração animal que irá alimentar o gado na seca.

Nos países tropicais, nos meses de março e abril, a pastagem seca enquanto um boi precisa de 35 quilos de ração por dia. Aí o boi começa a andar, andar, e vai só emagrecendo. É como se estivesse comendo a própria carne. Esse é o momento que devo começar a dar o bagaço com açúcar, e um pouquinho de uréia para desenvolver a parte bacteriana. **Mas uréia é do petróleo!** Não, eu posso **produzir a uréia. O milagre é a energia solar!** Temos catalisadores como a folha de cana e do eucalipto. Acontece que ninguém sabe disso, ninguém ensina nada disso. E esse é o problema! Como resolvê-lo?

## 21. Conclusões

Fui por 10 anos militante do PT, fui coordenador, junto com o Bautista Vidal, de 19 sindicatos para a defesa da Vale do Rio Doce. Vender a Vale é como vender o Brasil; vender a Vale é entregar a Amazônia. Fizemos cinco folhetos desses que estou mostrando. Fiz campanha com vários folhetos. Depois, veio a venda da CEMIG, e nesta venda foi usado o dinheiro do FAT – Fundo de Amparo ao Trabalhador, para financiar uma multinacional, e em Minas Gerais apoiada pelos senhores Eduardo Azevedo e Walfrido Mares Guia.

Termino dizendo o seguinte: mesmo tendo o governo (posso colocar o *Jornal Nacional* a meu favor, é só pagar) não tem jeito. E as novelas? E os *Big Brothers* da vida, eu vou proibir? Para mim, o veículo de comunicação mais importante é o rádio; enquanto o trabalhador está ocupado com as mãos, ele está ouvindo. O rádio como alternativa é um dos primeiros instrumentos; mas é preciso ter antes disso uma agência de comunicação. Eu a chamo **CTN – Cooperativa Tropical de Notícias, a CTN – nius.**

Já fiz muitos debates no rádio. Chegava lá, o repórter tinha comprado todos os jornais do dia, todos, e ficava ali repetindo as notícias, *Estado de Minas, Diário da Tarde*, etc. Ele estava envenenando a população com aquela parafernália, porque não tem uma outra fonte de informação. O jornal da Paróquia, o jornal do Sindicato, só está

repetindo o que os outros já disseram. E eu vou dar o último exemplo: eu era diretor do Departamento Nacional de Combustível, hoje ANP. O Departamento Nacional de Combustível era mais amplo, **o combustível**. A Agência Nacional do Petróleo, eles criaram para trazer para o Rio, para entregar para a Petrobrás. O objetivo era esse, e foi criado dessa forma. Eu estava indo para Brasília, tinha tomado algumas decisões. Eu tinha feito uma portaria contra o uso do diesel em caminhonetes com menos de 2.500kg. Diesel, só para utilitários com mais de 2.500Kg. Um sujeito chegou e me disse:

-O senhor está contra os trabalhadores de São Paulo?

-Onde o senhor viu isso?

-Na *Folha de S. Paulo*.

-Muito bem, eu fiz a portaria. Você não quer me ouvir. Você quer ouvir a *Folha*.

Chegamos a esse limite. O sujeito só citava a *Folha*, e a *Folha* era o nacionalismo para ele. O maior entreguista do país chama-se *Folha de S. Paulo*. Os editoriais da *Folha* são todos contra o Brasil. Como a maioria desse pessoal “progressista”. Isso, para mostrar o limite e a dificuldade. Não quero desanimar ninguém, mas acho que tem que ter pressa aí, para nós entrarmos em cena e defendermos a **soberania do Brasil**, temos primeiro que criar a CTN – nius

Nota: Essa palestra foi feita por Marcello Guimarães na sede do PDT, no Rio de Janeiro, em março de 2005.

# Biomassa

J. W. Bautista Vidal

Na realidade, o petróleo é o combustível que acaba. Aliás, o projeto civilizatório ocidental, baseado no petróleo, é um projeto suicida, e que está levando atualmente o mundo à guerra. O terceiro conflito está pintando aí claramente. Acabou o petróleo, o mundo entra em colapso.

A biomassa é a solução da paz permanente, porque renovável e eterna. A solução do petróleo é um projeto suicida. Por que é um projeto suicida? Porque as nações que lideraram, as nações hegemônicas, são todas situadas nas regiões temperadas e frias do planeta, e, portanto, muito pobres de energia, porque não têm sol. A origem de todas as formas energéticas é o sol. Quem não tem sol está condenado à morte. O trópico é a região do planeta onde se pode pensar nas futuras civilizações. São questões muito profundas. Toda essa guerra do Oriente Médio é a guerra da energia do passado. Agora essas guerras já extrapolaram e já estão no Afeganistão, nas torres de Manhattan, em Madri, e vão estar na Amazônia, rápido, como eu já senti em Foz do Iguaçu, por causa do Aquífero Guarani. Isso quer dizer que nós temos que assumir o nosso papel mundial, isso foi dito com toda clareza, no Fórum Mundial Energético de Bonn, em maio último. O mundo precisa caminhar para as energias renováveis, porque esse projeto das energias finitas e limitadas é um projeto suicida, que leva o mundo à guerra e à destruição.

Essa é a questão fundamental. Eu queria fazer um comentário sobre aquelas perguntas do Gilberto Vasconcellos, aquela questão da pequena propriedade, do latifúndio, do minifúndio. Repare o seguinte, Giba, cada metro quadrado de uma região tropical com água é uma pequena Shell, pela via solar com água. Você produz energia. É uma pequena Shell. Então, a biomassa é possível de ser produzida em um metro quadrado. Evidentemente, que o metro quadrado não é nada, o que dizer é que é possível produzir para pequenos produtores, para agricultura familiar, por comunidades pequenas. Vá você explorar petróleo na pequena produção. Ou você tem uma superestrutura de dinheiro, de poder, onde os banqueiros metem a mão, onde existe tráfico de influência. O mesmo se passa com as hidroelétricas que têm que ser grandes, não há ponto de comparação.

Repare o seguinte: o que caracteriza a energia solar é a sua extensa dispersão, o seu caráter absolutamente democrático. Todos têm espaço. O sol se espalha, se distribui. Havia um problema que não valorizava o sol, que, como sua energia é muito difusa, como concentrá-la? Como conseguir energia que vem do sol para abastecer um grande centro industrial, para se ter uma indústria de grande consumo? Complicado. Eu tenho que pegar grandes áreas para captar aquela energia solar. A natureza nos deu a solução, e o Brasil foi o grande inventor desta verdade. A planta faz isso para nós. Ela capta essa energia e a concentra. Cada árvore, cada arbusto, é um pacote de energia química, fácil de ser trabalhada, porque a energia solar é energia eletromagnética, complicada para captar, precisa de células solares feitas de areia fundida, etc. A planta não, é a folhinha que a capta e armazena, é uma fábrica maravilhosa de conversão de energia eletromagnética, que vem do sol, que é a origem primária de todas as formas de energia, inclusive o petróleo, o xisto, do carvão mineral, etc.

Só que, enquanto a captação da folhinha, como a do girassol, nos dá um combustível em dois meses, o petróleo precisa de 400 milhões de anos. Essa é a diferença. E um povo que tem, que habita um continente tropical, não saber isso? É uma estupidez política.

Uma burrice política não conhecermos a riqueza que temos, a energia que movimenta o mundo. Energia é poder. Energia é comida, movimenta a indústria, sem energia nada se move ou se transforma no universo. Isso devia ser conhecido por todos nós. Nós temos o que ninguém tem: o reator a fusão nuclear natural. E nós já temos esse reator nuclear à nossa disposição. E por que não usamos? Por que isso não é discutido no Congresso? Por quê? Por estupidez, por ignorância política, ou por qual outra razão? Porque o nosso sistema está minado, é um sistema de homens de mente colonizada, subjugados, servis, uma nação que se subordina à influência externa, onde o presidente da República na realidade é um banqueiro de uma nação estrangeira.

Já dizia Darcy Ribeiro que o Brasil foi o maior exportador de energia, em sua forma de açúcar. Um futuro gigantesco! O Brasil viveu séculos em cima do açúcar. Você vai ignorar isso ou pretender destruir tudo, para começar um negócio novo? Não há sensatez nisso. Você tem que o álcool, a energia limpa, em cima de 400 anos de experiência e da estrutura existente, não tem saída. Agora, evidentemente, isso deu ao Brasil um sucesso mundial, que em menos de seis meses nós estávamos produzindo uma quantidade fantástica de álcool, só com os excedentes do tal açúcar, mas o açúcar está aí. É a mesma coisa que faz Cuba não entrar no álcool, porque a estrutura do açúcar é colonial. E o açúcar não quer álcool, porque tem todo um tráfico mundial em cima do açúcar.

Essas coisas existem, não se pode ignorá-las nem confrontá-las. Se confrontarmos, vamos ser esmagados. Servem para minar nossa realidade de poder. Uma coisa é sobremesa, outra coisa é energia, é o confronto da sobremesa com a energia. Aí vem uma ideologia política em cima disso para ajustar as coisas, a importância que cada uma tem. Essa é uma segunda tarefa. Você não faz parte dela, você tem que usar o que tem. E aí você começa a ver a necessidade de musculatura. Por exemplo, existem dezenas de milhares de localidades no Brasil onde os combustíveis fósseis, petróleo, o diesel e a gasolina chegam naquelas barcaças em latas

para milhares de localidades. Veja que estupidez! Em latas! Na Amazônia, esses combustíveis levam dois meses de transporte para chegar lá. Então, qual é a vantagem desse processo quando cada uma dessas localidades pode ser auto-suficiente? Se você tem uma localidade de 100 habitantes, você faz uma usina de consumo para 100, se tem de 500, faz para 500, se tem de 10.000, faz para 10.000. Isso é um processo inexorável, que acontecerá. Mas leva tempo. É organização, é racionalidade.

Eu não sou contra que haja em São Paulo uma usina que produza um milhão de litros de álcool por dia, já que São Paulo necessita de milhões e milhões de litros o mais perto possível do consumo. Eu não sou contra isso, não. A grande coisa da biomassa é que você pode ter o grande e o pequeno convivendo sem conflito. Mas podem vir forças ideológicas externas que impõem só os grandes. Por isso precisamos de uma política nossa, do nosso interesse, termos soberania para impô-la. No petróleo não é possível ter o pequeno, na biomassa é possível. Nós estamos montando agora, com o Banco do Brasil e o Instituto do Sol, um programa do biodiesel. Depois de quatro anos de fracasso do governo, o Instituto do Sol, em três meses, já tem cinco projetos fantásticos com o Banco do Brasil. Na base da agricultura familiar nós chegamos lá. No Rio Grande do Norte, com 400 mil hectares e equipamentos, não havia o que produzir. E aí nós encaixamos o girassol e vai ser assentamento dos Sem-Terra. Chegando no Rio Grande do Sul, na região das Missões, na terra do Brizola, lá onde ele nasceu o movimento tem 12.000 famílias, pequenas propriedades rurais com áreas inferiores a 10 hectares. Cada grupo monta sua cooperativa e sua indústria final para produzir biodiesel e vai ser um produtor de energia. Dentro da real possibilidade de cada um.

Esta alternativa está na nossa disposição de fazer. Mas é preciso ter um partido político, tem que ter uma ideologia, onde você tem que favorecer a população pequena, e eu não quero que esse pequeno continue pequeno. A hora em que você começar a produzir vai crescer, e tomara que cresça, mas de uma maneira socialmente

válida, de uma maneira construtiva, dando riqueza ao País e trabalho a todos. Então, é isso que nós temos que ver, que essa alternativa só existe para a energia no caso da biomassa. Essa é a verdade. Uma estrutura gigantesca, em que entra o capital como fator fundamental como um programa nuclear ou uma grande hidroelétrica, não se faz sem ter a rapina do banqueiro ao lado, pois precisa de bilhões de dólares? No caso do álcool, não. Qualquer pequeno proprietário, qualquer fazendeiro, etc., faz isso com a maior tranquilidade, porque os investimentos são relativamente pequenos.

Mas se não fizermos no interesse do pequeno, outros poderão fazê-lo para escravizar milhões deles. Por isso é necessária uma estrutura de poder que dirija e estabilize o processo de produção da biomassa, biodiesel ou álcool. Aí está outro papel que nos cabe. Não deixar que essa estrutura de produção que é também de poder escravize o pequeno. Essa é a dúvida do Giba. Não, isso aqui pode ser um latifúndio. Pode, mas porque não há uma estrutura ideológica que impeça isso. A sociedade não é organizada para permitir que todos tenham um espaço ao sol. É isso que nós temos de cuidar e também de evitar. A produção de biomassa possibilita espaço ao sol, as outras não. Esse negócio de o PT dizer que é contra, é porque ele nunca fez essas coisas. E aí quer impedir. Você tem que ter o negócio e corrigir em cima. Se você não tem, vai corrigir o quê? Como eles não fizeram. A questão é fazer e corrigir para defender os direitos dos trabalhadores e dos pequenos proprietários. Os dois são fundamentais no novo processo de produção de energia com soberania nacional. Façam, façam, e corrijam. O negócio é esse. Você tem que não parar ali. No caso da biomassa é possível um programa familiar mínimo, etc., cada um produzir o que sabe e o que pode. Eu vi, por exemplo, a produção do leite na Índia. A Índia é um dos maiores produtores de leite do mundo. Eles têm uma búfala na casa deles, milhões de búfalas, eu visitei aquilo tudo. É uma coisa fantástica, é o maior produtor de leite do mundo. Aquilo vai na base de se ter uma búfala no sótão de sua casa. Coisa impressionante. E tudo funcionando direitinho, com regras, com controle de qualidade.

Nós estamos fazendo no Brasil uma política que não é política de poder, porque política que não é de poder não é política. É clube de comadre. Veja o Getúlio. Onde é que o Getúlio foi fundo? Na energia. Ele tinha o sentido histórico dessa força, desse instrumento fundamental. E aí entram as ressalvas que realmente a nossa política é uma política de comadres dos partidos políticos. Eu nunca vi uma discussão profunda do Congresso sobre a questão dos instrumentos fundamentais do poder atual, entre os quais o maior é a energia. Mas o Getúlio sabia. O Partido político que não tenha instrumento de poder é um partido fracassado. Não adiantam comadres, fazer eleição, não sei o quê. Não adianta nada, tem que ter poder, musculatura.

No momento em que o mundo está chegando ao fim de uma era, onde a energia é uma questão crucial, a questão do poder para nós é mais importante ainda, pois a única solução é o continente brasileiro. Isso nos torna extremamente vulneráveis, porque, assim como os americanos invadiram o Iraque, assassinando, matando etc., para pegar o petróleo deles, poderão fazer o mesmo aqui. A guerra do Iraque é a da energia do passado. A guerra da energia do futuro está aqui, onde está o reator da fusão nuclear. Então, nós temos que introduzir na nossa pauta a questão dos instrumentos de poder. Essa é uma questão com a qual o Partido vai se preocupar. Sendo o Brasil a nação mais preparada para lidar com essas forças, por causa da sua natureza, e por causa da fundamentação científica, o Partido vai se tornar um partido de repercussão mundial. Eu não tenho dúvida, que vai permitir inclusive fazer pactos. Você pode não gostar da palavra pacto de poder, mas é fundamental. Ele pode ser feito com a China, com o Japão, com a Alemanha? O Brasil pode liderar um grupo que está em situação desesperadora na questão energética, como o Japão, por exemplo, talvez a primeira nação tecnológica do mundo. O Japão é um aliado fundamental, ele não é a primeira potência militar, mas não tem a força do petróleo e, por isso, pode virar sucata em seis meses.

Instrumento de poder é o que vale, e se você não tem instrumento de poder, você não tem nada. Vou dar um exemplo: todos



nós nos classificamos como militantes de esquerda, e essa idéia se generalizou, esquerda, direita, mas essa idéia não tem conteúdo, não é rico, quem é esquerda, quem é direita? Você vê um sujeito como o Andrada Serpa, da direita, defender posições nacionalistas, e você vê Roberto Freire, da esquerda, entregar o Brasil aos inimigos. Não é uma terminologia que preste para nada, no meu entender é uma terminologia superada. Já o nacionalismo, não. Nacionalismo é a idéia que está tomando corpo cada vez mais da nação brasileira, porque nós estamos sendo uma nação trucidada, estamos caminhando para a ruína. 76% do nosso Produto Interno Bruto já é propriedade de não residentes no Brasil. Nossos patrimônios fundamentais estão sendo entregues de graça, a Vale do Rio Doce, a Usiminas, etc., etc. Mas nós estamos vivendo um momento muito trágico da nossa história, de imenso retrocesso. Então, tudo o que nós passamos, a minha grande preocupação é o total esvaziamento, com exceção do Brizola, das linhas nacionalistas que alguns partidos tinham e deixaram de ter, viraram entreguistas, com exceção do PDT. Não tem mais partido que defenda o Brasil. Isso aí é um crime inominável. Então, a necessidade de reforçar essa idéia do nacionalismo. Agora, essa idéia do nacionalismo implica necessariamente a união do Brasil, implica ter instrumentos de poder!

É disso o que estamos falando. Porque eu nunca assisti, em 30 anos, essa discussão no Congresso brasileiro, nem nas universidades. Esse conceito precisa ficar bem esclarecido na sociedade, para que ela tenha como compreender toda essa extensão do grave problema atual. Mesmo porque a sociedade está começando a ficar desesperada, as forças internacionais estão atacando de uma maneira e com resultados extraordinários para eles. Esta semana há fatos terríveis. A ministra do Meio Ambiente, com exposições de motivos encaminha para o Congresso, em regime de urgência, urgentíssima, a entrega e concessão de uma área de 50 milhões de hectares para que os estrangeiros e as Ongs venham preservar a floresta brasileira. Veja que coisa bárbara! Nós estamos, lá em Brasília, movimentando, e ela abre mão e o pessoal que trabalha no

ministério dela dizendo que a internacionalização da Amazônia é uma coisa inexorável. Não é possível um negócio desses!

Estive na semana passada na tríplice fronteira, onde passa o maior aquífero do mundo, o Aquífero Guarani, que vem da Bolívia, Paraguai, e chega até São Paulo. É o maior aquífero do mundo. Esse aquífero está sendo leiloado pelo Banco Mundial para dar concessões estrangeiras para uso e controle desse aquífero. Bom, isso é um escândalo, é uma agressão à nossa soberania. Então, nós estamos tremendo. Agora, nesse caso específico, eu fui convidado para fazer uma palestra sobre Água e Soberania, e me vi surpreendido com auditório de mil e tantas pessoas. Coisa estupenda. Porque a sociedade está consciente disso, está se preparando para reagir. Estudantes, comerciantes, industriais. Foz do Iguaçu está em pé de guerra por causa disso.

Já instalaram uma base militar na fronteira com o Paraguai, e aí começam a divulgar em todos os meios de comunicação que lá é um centro de terrorismo financiador de Bin Laden. O que tem lá é meia dúzia de árabes. Imagine então a Rua da Alfândega... Então, eu tive a oportunidade e a felicidade de ser convidado a ir lá e voltei realmente empolgado com a motivação e a revolta da população com essas coisas. A tal ponto que a um debate, que foi anunciado dois dias antes, apareceram mil e tantas pessoas, e houve uma discussão profunda sobre estas questões. Entretanto, o Brasil não está sabendo disso. Toda essa propaganda de terrorismo na Tríplice Fronteira, etc., os jornais propagam, e não está havendo uma contestação séria. Quando, na realidade, o que eles querem é se apoderar do maior aquífero do mundo. A água é uma coisa fundamental para a forma energética, biomassa. Não basta o sol. Tem que ter sol e água. São os dois ingredientes absolutamente válidos. São essas, duas ações violentas. Essa da Tríplice Fronteira uma de ação nitidamente externa, a outra também, mas com o agravante de ser uma iniciativa do nosso governo. E há uma terceira que é a questão dos leilões de reservas da Petrobras. Que, embora houvesse um parecer muito bom do Marco Aurélio, brasileiro respeitável, embora sujeito do Collor, mas a

maioria do Supremo Tribunal está disposta a manter essa entrega do leilão, por conviência do presidente da República, e coisa desse tipo.

Nós estamos vivendo um momento perigoso, e a razão principal é a grande importância que nós vamos desempenhar no futuro da humanidade. A humanidade depende de nossa energia, a humanidade depende da nossa água, da nossa biodiversidade, dos nossos minérios, e todos estão vendo que têm que meter a mão aqui. Ao se meter a mão aqui, nós temos que ter um sistema de resistência. O mínimo que se podia ter dos partidos políticos é uma posição intransigente em defesa dos nossos patrimônios, dos nossos valores, da nossa cultura.

Entretanto, com exceção do Brizola e do PDT, todos eles estão com a mesma direção oposta, até o PC do B. O PT, nem se fala, isso é uma coisa absolutamente trágica. O que, de uma certa maneira, nos obriga a fazer um grande esforço no PDT para levantar isso. Tem que ser traduzida para uma linguagem, vamos nos concentrar naquelas coisas que são fundamentais. Falar em energia em geral, mas falar nos instrumentos que isso representa. Sem energia você não faz nada. É uma coisa vital para nossa sobrevivência. Está em jogo a nossa sobrevivência. Existe um consenso perdulário mais para o prazer do que para as necessidades. Então, a realidade, o mundo inteiro está num desvio civilizatório de atribuir aos bens materiais condições de felicidade etc., que levou aquele famoso relatório de um tribuno de Roma em decretar o fim dos recursos naturais, como se fosse uma grande hacaombe. E, na realidade, esses períodos existem.

Se você analisar quem é que realmente utiliza esses recursos, vai encontrar um número muito reduzido de países e de pessoas. Só que essa gente tem uma vida perdulária, uma vida irresponsável, indiferente aos próprios problemas ambientais. Veja a posição absurda dos Estados Unidos, recusando-se a assinar o Protocolo de Quioto. Uma coisa realmente imponderável. Por outro lado, a China, que assinou o Protocolo de Quioto, mas a China está queimando o carvão mineral em grande quantidade. Eles não têm

petróleo, estão aumentando o consumo deles. Mas aquilo vai arrebeitar o equilíbrio termodinâmico da atmosfera. A hora em que esse equilíbrio for destruído, o mundo vai entrar em colapso ambiental. Vai haver a fusão da calota polar antártica, vai haver a elevação do nível dos mares.

Há um relatório do Pentágono, um relatório secreto, que a revista *Fortune* divulgou, prevendo coisas terríveis para o futuro. Por que o Pentágono não se preocupou com isso? Porque países inteiros vão ter que ser evacuados, porque as águas vão tomar conta de países como a Holanda, o Paquistão e outros, muitas ilhas do Pacífico vão desaparecer. Milhões de pessoas vão ter que migrar para outras regiões, vão invadir os países, e aí vai haver todo um processo de conflitos. Essa questão do efeito-estufa também está precipitando a fusão das geleiras. Por exemplo: duas grandes planícies do mundo, produtoras de grãos, que estão na China e nos Estados Unidos, que são as maiores produtoras de grãos do mundo ficarão sem água para irrigar suas culturas porque essas geleiras estão fundindo-se antes da época do verão, que é exatamente quando elas se fundiam e irrigavam aquelas grandes regiões. Então, já está se prevendo que a falta de água no verão, nessas planícies, pode causar um processo de fome mundial jamais visto. Então, realmente, o descontrole do processo civilizatório capitalista ocidental já se estende a outras regiões.

Vocês sabem o que aconteceu com aquele mar soviético, que recuou 30 quilômetros. Aquela região era a que abastecia a União Soviética de comida, e aquilo causou um desastre, inclusive o desmoronamento da própria União Soviética, por falta de condições de produzir alimentos para todos. Então, realmente, há coisas que precisam ser discutidas e tratadas com a maior parcimônia, com a maior racionalidade, como o uso desses recursos naturais. Eu vi recentemente um documento das Nações Unidas que mostra que aquelas nações que, em geral, são ditas subdesenvolvidas, mas que abastecem o mundo de minerais, por exemplo, são as mais pobres do mundo. São a base da manutenção dessas civilizações de opulência, à custa da miséria do seu próprio povo. Então, há muitas

coisas que precisam ser alteradas no mundo, e, por isso, estou defendendo, enfaticamente, que o Brasil se posicione devido à sua imensa riqueza. Os dois grandes colapsos da humanidade, que é o colapso energético e o colapso ambiental, só serão resolvidos com as energias renováveis das regiões tropicais. E nós somos o principal ator desse processo. E, no entanto, nós não estamos conscientizados sobre esse processo. E como o mundo todo vai depender dessa riqueza brasileira, nós passamos a correr grandes riscos, porque as nações hegemônicas não querem saber de nada que não seja seu interesse.

Elas têm como tradição resolver seus problemas através da guerra, da violência, através da invasão. Estamos vendo aí o que aconteceu com o Iraque, o que vai acontecer com o Irã e com a floresta amazônica. Como é que vai ser? Nós estamos cuidando disso adequadamente? No próprio governo brasileiro tem pessoas que acham que a Amazônia pode ser internacionalizada, coisas desse tipo. Então, nós temos um vasto caminho a atuar e, claro, para que isso seja possível, é necessário que haja partidos políticos verdadeiros, que comecem a levantar esse grande debate, que comecem a criar instrumentos de poder, como Getúlio fez. A Revolução de 30 transformou o Brasil de um país agrícola exportador numa nação industrializada. O fez porque tinha a força de uma revolução. Mas a Revolução de 30 já ficou para trás. E vem um sujeito, candidato à presidência, reeleito, e que se propõe acabar com a Era Vargas. Acabar com a Era Vargas é acabar com o Brasil. O que esse senhor fez de fundamental? Ele internacionalizou essa grande obra das empresas de economia mista estratégicas, quer dizer, uma coisa brutal, nós perdemos instrumentos essenciais de poder, é o que eu estava querendo explicar. Nós precisamos recuperar esses instrumentos. Qualquer governo que venha e, evidentemente, o Lula não o está fazendo, isso tem que ser resgatado. A maior reserva mineral do planeta é a reserva da Vale do Rio Doce. A Vale do Rio Doce, hoje, é uma empresa estrangeira que está passando a desempenhar um papel de internacionalização nas áreas em que ela atua.

Isso tem que ser resgatado, essa internacionalização da Vale por um grupo sob o domínio das empresas de mineração inglesas na África do Sul, que é uma gente implacável é um absurdo. Eu assisti a um filme, no qual aquelas companhias da África do Sul faziam matanças de negros, sob o argumento de que eles estavam roubando ouro, e eu vi trucidamentos bárbaros. Então, temos que começar a nos posicionar no mundo para que nossa voz seja uma voz forte. Eu acho que isso é possível, porque com esse colapso energético, nações muito importantes, como é o caso da China, que está arrebatando, através do efeito-estufa, o equilíbrio da ecosfera. O Japão, a Alemanha, a Índia, a Rússia, atualmente são países que dependeriam muito da solução renovável, que só pode vir do Brasil. O Brasil tem que tomar uma posição internacional forte para agregar esses grupos e, como todos eles dependem das riquezas brasileiras, se nós tivermos governantes à altura, capazes de negociar estas cessões generosas, que nós sempre fizemos, isso pode se constituir um bloco de poder muito forte para alterar essa coisa desonesta, essa coisa brutal, que é o sistema financeiro internacional. Porque, na realidade, esses países ricos são muito pobres no que é essencial para o processo civilizatório, a energia. Mas com essa política cambial, que favorece o valor de suas moedas, que eles emitem moeda em caráter de monopólio, sem lastro e sem nenhum critério, eles terminam impondo suas regras ao mundo.

Quem governa o Brasil hoje é o sistema financeiro internacional, através de propostas do sistema financeiro mundial. O senhor Meirelles, o senhor Palocci, são agentes completamente dedicados a uma causa que não é a causa nacional. Então, nós temos uma meta muito longa a percorrer. Entretanto, isso só é possível com musculatura, com voz forte. E se nós fizermos alianças com nações como essas, China, Alemanha, Japão, Índia, há condições de se negociar com elas, porque a sobrevivência delas depende de nós. Isso é um elemento de negociação muito forte. Entretanto, nós não estamos usando isso. Pelo contrário, tomamos uma posição servil, obedecendo a um sistema espúrio, de moeda falsa, que está nos levando à ruína.

Nós estamos perdendo todos os nossos patrimônios, nós somos ridicularizados no mundo. Esse bandido do Fernando Henrique é um cínico, traidor. Ele serviu a causas e destruiu elementos absolutamente estratégicos da nossa vida, do nosso futuro. Então, tudo isso precisa ser resgatado, isso exige soberania. E soberania você só adquire com força, com poder, e isso é obtido por meio de instrumentos de poder. Por felicidade nossa, a energia é a grande força do poder. Não há nada que possa superar a energia, porque tudo depende dela.

Eu vou falar um pouco sobre o Aquífero Guarani, porque a água é um fator absolutamente crucial no mundo do futuro. Com o fim do petróleo, a única energia capaz de substituir o petróleo é a energia da biomassa, que para se formar depende do sol e da água. E o mundo está em guerra. Países inteiros, como os países do Oriente Médio, importam água em navios-tanque de grande porte. Compram a água e a água é fundamental para a vida, para a alimentação. O corpo de uma criança tem mais de 70% de água, o do adulto um pouco menos. A água é fundamental para a irrigação, para a agricultura, para o alimento e para a energia renovável. A água é um ingrediente básico dos chamados hidratos de carbono, água mais gás carbônico. Então, se a terra era uma coisa estratégica, a água é também uma coisa extremamente estratégica, e o Brasil tem uma posição singular, porque o Brasil tem 24% da água doce do planeta. O segundo país é o Canadá, com apenas 14%. Mas grande parte do ano no Canadá a água é gelo, é pedra, não é água disponível.

Então, uma das questões que o mundo olha no Brasil, e cobiça, é a questão da água. A Amazônia tem uma proporção enorme de água. 18 dos 24% estão situados na Amazônia. E no Brasil tem vários aquíferos. Conheço um no sul do Piauí muito importante. Mas o Aquífero Guarani é o maior do mundo, e ele é internacional porque ele é parte da Bolívia, parte do Paraguai, e grande parte no Brasil. Então, começou essa onda em relação à Tríplice Fronteira, porque Foz do Iguaçu faz limite com a Argentina, Paraguai e Brasil.

Falando em terrorismo, eixo do mal, essa coisa toda, agora nós estamos descobrindo que, no fundo, é criar situações difíceis para justificar uma invasão, sei lá, ou coisa desse tipo. Já temos notícia de que do lado do Paraguai já estão instalando uma base militar americana. O Brasil, no período militar, tinha uma participação importante no Paraguai, uma delegação militar no Paraguai, eu constatei isso, era muito importante. Parece-me que, com essas restrições do governo brasileiro, os brasileiros se retiraram e os americanos foram ocupar os espaços que o brasileiro deixou. É uma questão complicada essa da Tríplice Fronteira. Eram bem recebidos os brasileiros que entraram no Paraguai, mas agora os paraguaios estão expulsando os brasileiros de lá. Em Foz do Iguaçu tem 40 mil desempregados. Isso é um estopim, é fácil certos aventureiros conduzirem essa gente. O interessante é que a população está consciente disso. Eu fiz uma palestra na Universidade das Américas, cujo presidente é um libanês, que é dono de um grande supermercado, lá em Foz do Iguaçu. Esse libanês me disse: olha, eu era um sujeito pobre, migrante, cheguei aqui e estou bem de vida, eu não posso deixar de defender este país. O discurso que ele fez, como presidente da universidade, foi de uma contundência total, atacando os Estados Unidos, etc. Isso tem sido feito várias vezes e está criando por aí uma consciência nos jovens, nos professores, etc. A Amazônia é outra região que tem muita água, mas não é assim uma água muito disponível, como é o caso da água do aquífero. O aquífero, conseguimos furar e retirar de um ponto só e puxar toda água, é uma coisa gigantesca, um patrimônio absolutamente estratégico, que envolve segurança nacional.

Ontem, eu conversei por telefone com o general Lessa, que tem uma consciência muito clara e terrível dessas ONGs, etc. E ele ficou assustado e disse: eu não sabia disso. Eu perguntei ao Requião, que é meu amigo, que história é essa de terrorismo em Foz do Iguaçu? Ele respondeu: Não, isso é totalmente falso, não tem nada não.

Tem muito árabe lá. Árabe tem negócio na fronteira Argentina-Brasil e ponte do Paraguai, muito contrabando, etc., deve envolver



muito dinheiro. Então, a gente precisa começar a ter consciência desse papel nosso, dessas nossas riquezas estratégicas, para defendê-las. Eu fiquei muito recompensado com a postura da audiência que estava lá, tinha mais de mil pessoas. E muitos jovens. E eu bati firme na necessidade de defender esses patrimônios, o que isso representa no mundo hoje, quer dizer, não adianta só o sol, tem que ter água também. O deserto do Saara tem muito sol mas não tem água e, aí, não se consoma a transformação da energia eletromagnética do sol em energia química dos hidratos de carbono.

Eu venho acompanhando essas denúncias de colaboração dos comerciantes locais com o terrorismo. No fundo estão preparando uma imagem de Foz de Iguaçu por causa desse aquífero. Eu cheguei a essa conclusão, que a água é uma coisa muito estratégica, muito importante. Eu estava nos Estados Unidos quando a Exxon resolveu anunciar que empregava centenas de milhões de dólares por um aproveitamento do xisto do Colorado. O Colorado tem grandes reservas de xisto betuminoso, e aí começaram a discutir a questão e se verificou que, para o aproveitamento do xisto no Colorado, precisavam gastar muita água, e o Colorado é um estado agrícola. Houve um debate violentíssimo no Congresso americano entre deputados e senadores, sobre o desvio da água da agricultura para aproveitar o xisto. E aí alguém inventou que deveria desviar o rio Waterloo do Canadá para ter água para aproveitar o xisto do Colorado. O Congresso canadense só faltou declarar guerra aos Estados Unidos. A água é uma questão absolutamente crucial. Nós somos a nação mais rica em água doce do planeta. Então, é uma coisa que nós temos de começar a pensar. Nós não somos poluidores e temos grande disponibilidade água, não temos dado muita atenção a essas coisas.

Outra coisa que eu queria dizer, é a questão da juventude. Nós precisamos fazer um esforço muito grande para que a juventude entenda essas situações atuais do mundo e do Brasil. Primeiro: quem vai pagar o preço são eles, quando forem adultos, essas coisas todas, essa perda de patrimônio, tudo isso vai se refletir de

uma maneira muito grave na atual juventude, que, depois, vão ser adultos e, como muito bem alguém falou hoje aqui, só se faz revolução com a juventude, não se faz mudança de postura sem a juventude, que amanhã serão os dirigentes. Então, o Partido deve dar muita importância a isso. E até lamento que a juventude do PDT não esteja maciçamente aqui presente, Carlito, Antônio, eles são ótimos. Deviam aproveitar essas ocasiões e conquistar argumentos na luta que eles vão ter que travar, para sua própria sobrevivência e a da Nação brasileira.

*"Nosso partido assume a sua posição de centro de resistência. Estamos convocando a todos para lutar pelo Brasil. Aos jovens, aos trabalhadores, aos homens públicos de bem, aos patriotas, a todos os brasileiros, civis ou militares, que se mantêm afastados dos partidos mas de coração e alma junto do Brasil. As incompreensões e querelas do passado, num momento como esse, nada representam. É hora de nos reunirmos ao chamado do dever, da pátria, que é nossa terra e nossa gente. É hora de atender ao grito de desespero que nos lança o Brasil e, pelos caminhos da democracia, acorrermos, antes que seja tarde, em socorro de um país e um povo que têm um grande destino a cumprir."*

09/12/01

Leonel Brizola



**Fundação  
Leonel Brizola – Alberto Pasqualini**

Rua do Teatro, 39 – 2º andar,  
Centro – Rio de Janeiro – RJ  
CEP 20050-190  
Fones (021) 2232-1016 e 0121  
**flb-ap@pdt.org.br**